

## Ao Fornecedôr DAS ESCOLAS PUBLICAS

Carabina escolar de fabricação propria, distinctivos e  
medalhas para premios

Rua José Bonifacio, 29 — Telephonio, 1658  
S. PAULO



Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Única casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os grupos escolares, lyceus e collegios particulares

SEÇÃO DE EXERCÍCIOS MILITARES  
Armamentos, Espadas, Tambóres, Cornetas, Divisas.  
Especialidade em Estandartes bordados, Bandeiras e Cortinas.

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

CASA DE CONFIANÇA — Importação directa

A. BOGGIANI

Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1893

S. PAULO ↔ MARÇO DE 1910 ↔ ANNO IX

## REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

## Associação Beneficente

DO

PROFESSÔRADO PUBLICO DE SÃO PAULO.

REDACTÔR - SECRETARIO :

AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTÔRES - EFFECTIVOS :

BENEDICTO MARIA TOLOSA,  
ANTONIO PEIXOTO, JUSTINIANO VIANNA,  
JOSE' A. DE AZEVEDO ANTUNES,  
JOSE' ESCOBAR.

PUBLICAÇÃO - TRIMESTRAL

NUMERO 1

TYPOGRAPHIA NACIONAL

— DE —

E. BRAGGIO & C.

Rua Onze de Agosto, 29 — (Antiga do Quartel)

S. PAULO

## EXPEDIENTE

# Revista de Ensino

Publicação trimestral de pedagogia pratica

**Orgam da Associação Beneficente do  
Professôrado Publico de S. Paulo**

Esta *Revista* insere em suas paginas artigos de orientação geral, de critica e de methodisação das disciplinas, que constituem o programma das nossas escolas. Mantém as seguintes secções: *Redacção, Pantheon escolar, Questões geraes, Pedagogia pratica, Literatura escolar, Collaboração, Diversos, Pela imprensa estrangeira, Cantos escolares, Movimento associativo, Noticiario, Annuncios, Summario.*

**Acceita e pede a collaboraçã** de todos que quizerem contribuir para a methodisação do ensino.

**Escriptorio e redacção:** rua Sancta Thereza, 28.

Assignatura annual . . . . 5\$000—Numero avulso . . . . . 1\$500

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactôr-secretario—professôr Augusto R. de Carvalho—á caixa do correio n. 183.

Toda a correspondencia relativa á *Associação*, aos seus *directôres, conselho fiscal, secretario, thesoureiro, procuradôr e mordômas* e tudo quanto, directa ou indirectamente, se refira á Directoria da Associação, deve ser enviado á séde — rua Sancta Thereza, 28. A caixa-postal n. 183 é de uso exclusivo do redactôr da *Revista*, sr. Augusto R. de Carvalho, e de tudo quanto se referir a essa publicação.

## REDACÇÃO

- IV — Critica sobre trabalhos escolares;
- V — Hymnos escolares;
- VI — Movimento associativo;
- VII — Actos escolares;
- VIII — Noticias e annuncios.

Como podereis avaliar pelo que elle preserá ao professor laborioso em particular, e a todos os que se interessarem em geral.

**Março de 1910**

Entra hoje, com o presente numero, no nono anno de existencia a *Revista de Ensino*.

O seu programma tem sido o mesmo traçado pelos illustres fundadores deste organ pedagogico.

Com data de 12 de novembro de 1901, a Associação endereçou a todos os seus consocios uma circular participando o apparecimento da *Revista*, e concebida nos seguintes termos:

«Temos a subida honra de levar ao vosso conhecimento que, em cumprimento ao disposto no Art. 30 dos nossos estatutos, iniciaremos a publicação da *Revista do Professorado Publico*, no dia 27 de janeiro proximo futuro.

Como organ da *Associação*, cujos fins e intuitos bem conheceis, sobre trazer os nossos consocios ao corrente do movimento associativo, a *Revista* visará, por todos os meios ao seu alcance, não só facilitar a tarefa do mestre, divulgando os melhores methodos e processos de ensino, como se empenhará, com o maior desvelo, para orientar o govêrno e os nossos legisladôres na elaboração das leis futuras sobre instrucção publica.

O professôr primario, como elemento modificadôr, e o mais importante, na evolução social, não pôde nem deve mais, como tem feito até o presente, conservar-se inactivo e indifferente á feita das leis de que elle é a parte mais interessada, cabendo-lhe, como executôr, a principal funcção e responsabilidade.

Com esse intuito a *Revista* reservará uma secção sob o titulo — *Questões geraes*.

Além dessa e da secção concernente ao movimento da *Associação*, conterà outras para *Pedagogia pratica*, propriamente dicta; para *literatura didactica* em prosa e verso (original ou transcripta); para *critica* de obras escolares, e, finalmente, para *hymnos infantis*.

Em resumo: a *Revista*, que será publicada trimestralmente, em oitavo francez, ficará assim disposta:

- I — Questões geraes, comprehendendo o desenvolvimento de theses sobre assumptos pedagogicos, que a Associação fornecer;
- II — *Pedagogia pratica*;
- III — *Literatura infantil*. — Contos infantis e selecção de poesias, dialogos e pequenas comedias para recitação;

# EXPEDIENTE

## Revista de Ensino

Publicação trimestral de pedagogia pratica

Organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo

### REDAÇÃO

Accão e effeito a ser a effeito

Escrever e redacção de

Toda a correspondencia relativa a

Dr. Augusto M. de Carvalho

Toda a correspondencia relativa a

Dr. Augusto M. de Carvalho

- IV — Critica sobre trabalhos escolares ;
- V — Hymnos escolares ;
- VI — Movimento associativo ;
- VII — Actos officiaes ;
- VIII — Noticias e annuncios.

Como podereis avaliar, pelo que fica exposto, grandes serão os beneficios que ella poderá prestar ao professôr laborioso em particular e ao professôrado em geral.

Mas, para bem levarmos ao fim empreza tão fecunda e benefica, se torna mister que esse mesmo professôrado, sem excepção, nos auxilie com o producto de suas observações e de seus estudos. A congregação dos esforços de muitos para um fim conhecido e determinado, além de facilitar o trabalho de cada um, como resultado dará essa precisa harmonia de vistas que, applicada especialmente ao nosso ensino publico, será quiçá o meio unico de o elevar, além de uniformisal-o e systematisal-o.»

Até ahi os termos da circular e está ainda de pé o programma da *Revista*.

Transcrevendo essa velha circular, tivemos em vista confirmar o programma nella exarado e desculpar-nos com os nossos distinctos consocios pela demora no apparecimento da *REVISTA*.

Para correspondermos, porém, ás esperanças do magisterio, é mister que todos venham collaborar na regeneração do nosso ensino, já apontando os seus inconvenientes, já criticando os seus erros e defeitos, já indicando o que de bom lhe possa ser accrescentado.

Para isso, repetimos, acolheremos todas as ideias justas e que de algum modo venham influir para a reorganisação das nossas escolas primarias.

Temos em nossas mãos o mais palpitante dos problemas para o levantamento moral e intellectual da sociedade brasileira, e cuja solução contribuirá certamente para a grandeza do Brazil.

Em face do patriotismo, é criminoso todo aquelle que, tendo uma boa ideia ou uma opinião que possa concorrer para tal fim, fique surdo ao appello que aqui se faz.

A escola é uma parcella da sociedade. Tanto ahi como no grande mundo, a creança hoje, e amanhã o homem, tem de agir como uma cellula perfeita no corpo são, a que pertence.

E como os primeiros germens de educação é a escola que os dá, o professôr tem obrigação, sob o ponto de vista da honestidade, de contribuir com a sua observação ou com os seus estudos, para que esse ambiente seja o mais adequado e o mais perfeito para a formação do espirito e do caracter daquelles que vão dirigir ou constituir a sociedade de amanhã.

Assim, pois, cada um tem de obrigação trazer o seu contingente, seja uma só pedrinha, para o levantamento de tão soberbo edificio; e embora desse trabalho não resultem glorias, a recompensa a consciencia a dará.



## QUESTÕES GERAES

## Nacionalisação da escola

Não é meu empenho agora demonstrar as vantagens da nacionalisação do ensino e a sua absoluta necessidade na solução do problema pedagógico: isso equivaleria a querer discutir si devemos, ou não, educar o espirito das creanças com uma orientação patriótica, se devemos formar cidadãos, ou indivíduos vãos de todo o sentimento patriótico, ignorantes e indifferentes á sua patria.

Em theoria, são esses principios universalmente reconhecidos e acceitos; sobre elles toda a discussão é ociosa. As prelecções theoricas sobre patriotismo, deveres civicos, etc., pouca influencia têm sobre a animo das creanças, e não será assim que se ha de identifiical-as com a patria, ensinando-lhes a amala e conhecel-a. E' fallando-lhes de cousas brazileiras, buscando pontos de referencia no mundo que elles conhecem, interessando-as pela natureza e pela sociedade que as cercam, fazendo-lhes ver as dependencias em que ellas estão para com o meio onde vivem e as demais, que de futuro crearão, que se poderá implantar na alma das creanças esse mixto de sentimentos que chamamos — Patriotismo.

Entretanto, si a these de nacionalisação da Escola já não deve servir de thema para discussões, a applicação dos principios, que essa these encerra, será por muitos annos, ainda, objecto de séria propaganda por parte daquelles que se interessam pelo progresso do ensino. Estamos tão longe dessa applicação como de negarmos a sua vantagem. A Escola brazileira é uma cousa, não direi cosmopolita, mas informe. A Escola, principalmente a Escola primaria, tem de ser, forçosamente, nacional. Em-

quanto ella não reveste este papel, é uma cousa incaracterisada, de resultados pouco mais que nullos, porque, si a nacionalisação do ensino é vantajosa para a nação, formando cidadãos, não o é menos para a causa do ensino, facilitando-o extraordinariamente. E' o unico modo de concretisal-o, principalmente para as creanças.

Como todos nós sabemos, todo o ensino que não é concreto, sobre ser extremamente fatigante, é quasi nullo em resultados. A creança ha de aprender visando o meio em que vive. Si ella não póde, de momento, fazer a applicação das noções que recebeu, está fatigando inutilmente e cerebro e, quiçá, viciando-o. E' preciso que ella veja, sinta e possa verificar, numa certa medida, as verdades que se lhe ensina. O ensino deve ter, em si, o seu proprio estimulo, e isto só se consegue interessando a creança pelo scenario em que ella vive e pelas cousas que ella conhece.

Entre nós o ensino está muito longe de ter esta feição. Não tem pontos de referencia, e as mais concretas lições, ministradas nas escolas, são verdadeiras abstracções. O proprio ensino pratico, objectivo, de applicação immediata, é calcado sobre um material tão extranho ao nosso meio, tracta de phenomenos e objectos tão fóra das nossas cousas e toma um character tão alheio ao nosso ambiente social, que é como si fóra uma demonstração de geometria analytica.

Si se percorre as nossas casas de ensino, examinando as colleções e material, que por ellas existem, tem-se a sensação exacta do que acabamos de dizer. Si aprofundarmos mais este exame e chegarmos a assistir ás

lições feitas sobre este material, chegamos á convicção absoluta da sua inefficacia. Aquelles objectos, aquellos specimens de animaes, plantas, etc., que a creança nunca viu, de que nunca ouviu fallar, cujo valôr desconhecemos, deixam-n-as inteiramente impassiveis.

Como se pratica, por exemplo, entre nós, os *Jardins de Infancia*, esse systema de educação e ensino, que tem por fim, principalmente, ensinar ás creanças o valôr dos objectos e dos phenomenos que as rodeiam?...

Com um material de importação, arranjado por industriosos com um fim puramente commercial, alheios e indifferentes, em absoluto, ao nosso meio e ás nossas cousas.

Por outro lado, tambem a parte moral e intellectual do ensino, não é feita de acôrdo com as nossas ideias, tradições, costumes e necessidades, como devera ser. Salvo honrosas excepções, cingimo-nos a uma copia servil e inassimilada do que se pratica no estrangeiro. Uma simples pesquisa dos nossos programmas e systemas adoptados é prova bastante dessa asserção.

Ha bem pouco tempo, ainda, tive occasião de lêr, numa revista praticada de ensino, na parte dedicada ao *Jardim de infancia*, um conto em que se fallava ás creanças de nossa terra em *faías, carvalhos, primaveras, neve, arvores despidas* e quejadas cousas e phenomenos, cujo valôr e existencia ellas desconhecem e que por conseguinte, as deixam inteiramente desinteressadas.

Não quero, com isto, dizer que tenhamos de arvorar o systema das originalidades, nem que tenhamos necessidade de crear praticas, methodos e theorias originaes. Não. A arte de ensinar está hoje tão adiantada nos varios paizes civilizados, que quasi não precisamos de *inventar* para o fim de ensinar e educar. Basta que acompanhemos, com interesse, o progresso que a pedagogia vai fazendo nesses paizes, para que obtenhamos elementos bastantes para desenvolvermos convenientemente o ensino entre nós. Mas, é preciso que, colhendo os fructos desse progredir,

não o façamos servilmente. As descobertas, os novos methodos e os novos systemas, antes de empregados, precisam ser intelligentemente estudados e criteriosamente adaptados ao nosso meio, com as competentes correções, e só depois de uma assimilação perfeita é que devemos pratical-os, sem o que, o que poderia ser util, pôde ser funesto.

E' principalmente ao mestre que incumbe effectuar essa adaptação. Para isso torna-se preciso que elle conheça devidamente o nosso meio e as suas necessidades, assim como o do paiz onde foi buscar os exemplos e os methodos. E' necessario que elle saiba descobrir a excellencia do novo processo e o modo justo de applical-o aqui.

A verdade desses conceitos avalia-se bem pelo que se dá com o estudo das sciencias naturaes nas escolas primarias.

Está reconhecido hoje, geralmente, a vantagem e a necessidade mesmo do ensino das sciencias naturaes nessas escolas. Esse estudo tem-se divulgado por toda a parte e em quasi todos os nossos collegios e escolas primarias ensina-se Historia natural. Mas, por ventura, esse estudo dá algum dos resultados previstos por aquelles que o preconisaram em principio, e produz os mesmos fins alcançados em outros paizes?... Não. E isto porque entre nós ainda não se comprehendem o alcance desse estudo, nem os intuitos com que elle é recommendado. Suppõe-se, communmente, que o seu interesse está em que as creanças adquiram algumas noções, estreitas e desalinhas, de Botanica e zoologia, e carrega-se a memoria dos alumnos com um acervo de nomes rebarbativos, repetindo-se-lhes o contexto de livros arranjados pelos exploradores do ensino.

No final a creança nada lucrou, a não ser uma legitima prevenção contra essas sciencias, pela aridez com que ellas lhes foram apresentadas e fica o mestre com a pretensão de ter posto em pratica a ultima palavra de Pedagogia. Depois de um certo tempo, verifica a inanidade do decanta-

do estudo e naturalmente o condemnna.

Entretanto, si elle soubesse que o estudo da Historia natural é feito nesse periodo, não para que as creanças adquiram conhecimentos de plantas e animaes, mas, sim, para levallas a se interessarem pelo estudo da natureza, para lhes desenvolver as faculdades de observação e raciocínio, para lhes ensinar a vêr, a comparar, a exprimir e a communicar, bem de pressa o professor desprezaria o livro e comprehenderia que este ensino não pôde ser feito sinão sobre animaes, plantas e objectos communs ao mundo em que vive a creança, com material que ella conhece.

O que se dá com o estudo da Historia natural, dá-se com o de todas as outras disciplinas, principalmente no ensino primario, onde todas as noções devem ser concretas e que, por conseguinte, pôdem ser relacionada á vida material.

Entre outros, o estudo da historia, que não deve ser, nesse caso, sinão um curso de biographias, pôde ser um elemento valiosissimo nesse intuito — de nacionalisação do ensino. Relacionando-se tanto quanto possivel, a parte historica com a topographia e a geographia, e limitando-a aos assumptos e a episodios mais emocionantes e patrioticos, o professor intelligente muito fará, desde que se queira dar ao trabalho de discriminar, escolher e modificar os detalhes para adaptal-os ás necessidades locais.

A esse estudo, que «fornece a melhor educação do patriotismo e augmenta a sympathia e os interesses» devemos dedicar toda a nossa attenção, principalmente porque elle é um dos ramos que mais deixa a desejar no tocante e esse ponto. E' doloroso contemplar-se quanto a nossa mocidade se desinteressa pela historia da patria. Disso não é ella culpada, sinão os que não a sabem ensinar: tarefa difficilima, bem sei, porque, como bem diz uma escriptôra americana. «para gravar a ideia da unidade da historia, no espirito dos meus filhos... é preciso que eu propria a sinta em todos os seus detalhes.. E'

necessario que eu sinta os pontos de semelhança entre os dikasterios athenienses e o systema de jury americano...

«A conveniente organisação e governo de um Estado é a mais elevada tarefa que se apresenta ao homem. E' por isso que o maior esforço do trabalho de classe deve ser posto na historia politica e constitucional... Acho que as minhas discipulas estudam com o maior interesse os problemas constitucionaes da historia, si ellas sentem a sua importancia politica nos successos dos nossos dias. Uma das minhas meninas disse-me, não ha muito tempo: «Eu estou tão interessada em acompanhar o desenvolvimento da camara dos deputados como em acompanhar o crescimento das plantas da minha janella».

O estudo da Geographia é uma outra fonte de inextinguíveis recursos para interessar as creanças pelas cousas de sua patria.

Fallando daquillo que ella conhece, pôde-se, com as noções de Geographia, levar um contingente valiosissimo a esse desideratum, principalmente si essas noções geographicas forem convenientemente alliadas ao elemento historico, chamando a sua attenção para os traços physicos geraes do paiz, nas suas referencias com as produções agricolas, industriaes, etc., e tambem quanto ao movimento e desenvolvimento das raças progresso da colonisação e formações de cidades, etc.. Assim a creança comprehenderá com facilidade a razão por que o Rio de Janeiro, a Bahia, o Pará, se tornaram, tão de pressa, cidades importantes. Ahi as creanças comprehenderão o alcance e as vantagens da facilidade das vias de communicação e de haver um abrigo seguro ás embarcações do commercio.

Todos os exemplos de composição, todos os poblemas de mathematica, todos os exemplos de moral, de politica e de sociologia, podem ser referidos á vida nacional e são elementos de que se pôde servir todo o professor intelligente e apto para dar á sua escola um caracter nacional.

M. BOMFIM.

## Instrução publica

### 6 Problema do Ensino

V

A preservação directa de si proprio, entretanto, não depende unicamente da educação a ella peculiar. Além dos conhecimentos indispensaveis para nos resguardar de tudo quanto possa prejudicar ou destruir mecanicamente o nosso organismo, é necessario cuidar-se tambem da educação que tem por objecto protegê-lo contra as infracções da lei physiologica, que trazem como consequencia immediata as enfermidades ou a morte. Para se attingir, pois, á plenitude da existencia não é bastante evitar-se os aniquilamentos bruscos da vida, mas sim tambem prevenir os enfraquecimentos e os lentos exgotamentos de que os habitos máus são origem. Si os preceitos de Spencer fossem respeitados, as ruas andariam menos povoadas de embriagados e os hospitaes mais pobres de enfermos. Spencer não é um simples educadôr; é o symbolo de uma religião á moderna.

A actividade pessoal, fraternal, social, etc., se tornam mais ou menos impossiveis, sem a saude e o vigôr do corpo. Dahi a importancia capital da serie de phenomenos tendentes á conservação da saude.

E' certo que, neste caso, como em tudo o mais, as nossas sensações physicas e nossos desejos, emanados da propria Natureza, são os nossos verdadeiros guias.

Essa exigencia, por seu turno, submete-se, até certo ponto, em obediencia as circumstancias de occasião.

Assim, pois, a fome, o grande calor, a sede, o frio excessivo, etc... indicam imperiosamente o partido a tomar. E si estes conselhos naturaes, fossem religiosamente observados, poucos males teriamos relativamente a temer.

Si a fadiga do corpo ou do cerebro fosse invariavelmente seguida de inter-

rupção no trabalho, si a oppressão produzida por uma atmospha viciada, convidasse sempre a effectuar a ventilação necessaria, si não se comesse sem fome, si não se bebesse sem sede—o organismo raramente se acharia em difficuldades para funcionar. A profunda ignorancia das leis da vida levam o homem a perder as noções instinctivas legadas pelas sensações naturaes. E assim, embora a natureza nos doa-se de guardas—fieis e vigilantes da saude, a nossa desobediencia persistente os torna em grande parte inuteis, sinão prejudiciaes.

Devemos, portanto, familiarizarmo-nos com as leis physiologicas para attingirmos a vida completa. Não é actualmente uma excepção o encontrar-se exemplos de uma vigorosa saude em plena velhice? O reverso da medalha, entretanto, apresenta casos de enfermidades agudas de enfermidades chronicas, de eniraquecimento geral e de decrepitude prematura.

As mais elementares prescripções de physiologia pódem preservar-nos de um sem numero de enfermidades, concorrendo assim para a longevidade humana que deve ser o fim primordial de nossas concepções.

Não nos detenhamos sobre o resfriamento, o cansaço, o desgosto, as perdas de tempo e de dinheiro que pesam communmente sobre nós para considerarmos o quanto a saude combalida se entrepõe ao cumprimento de nossos deveres". Não é raro tornar difíceis sinão impossiveis as funções que devem prover o sustento pessoal. Neste produz uma irritabilidade fatal á boa direcção dos filhos; naquelle impede o bom cumprimento dos deveres de cidadão; naquelle outro converte em fadiga o que devia recrear.

E' axiomática, que os peccados con-

tra a ordem natural, tanto nossos como dos nossos antepassados, alterando a saude diminuem mais do que tudo a vida completa, fazendo da vida uma enfermidade em vez de um beneficio e um gôso. E' pela accumulção de pequenissimas affecções que os organs são communmente minados e destruidos mais cedo do que se devia esperar. E' incomensuravel a extensão do prejuizo. Me-

tade da vida é sacrificada por esses dois fragelos da humanidade: a doença e a morte prematura. Portanto a sciencia, ou antes os phenomenos que concorrem para a preservação directa do proprio individuo, é de importancia capital no problema social. No proximo artigo cuidaremos desta importantissima questão.

9-3-910

(Continúa)

LUIZ CARDOSO

## A Leitura Analytica

Conferencia feita a 1 de Março de 1896, em S. PAULO

pelo eminente educadôr Dr. JOÃO KOPKE

Digno Senhor Secretario do Interior.

Minhas Senhoras.

Illustre Senhor. Presidente do Instituto Pedagógico Paulista.

Meus senhores.

O Instituto Pedagógico Paulista dignou-se proporcionar-me o ensejo de prestar, á infancia da nossa Patria, o serviço, que, na Grecia, quatrocentos annos antes da era christã diante da abstracção do methodo da *didaskaleion*, Callias lhe quiz prestar, para allivial-a da penosissima tarefa, em que o *grammatistes* e o *phenascôs* exerciam a paciencia, amestran do as creanças nas *letras* e nas *syllabas*.

Na solidariedade que, a travez do tempo e do espaço, guia aquelles para quem o bem-estar e o progresso da humanidade são o alvo supremo, o amôr é o vinculo, que une a *Tragedia Grammatical* do pedagogo hellenico á *Cartilha Maternal* do cultôr do *Campo de Flôres*, e ao *Livro das Mãis*, em cujas paginas o *Instituto Kopke* aponta o caminho da leitura á mente aberta das creancinhas, que hospeda.

Em nome dessas creancinhas, pois, em nome da infancia, que é, a uma, o estímulo dos nossos esforços no presente e arca de todas as nossas esperanças no porvir; em veneração á memoria de todos aquelles, que por ellas se têm dedicado aos duros labôres dum magisterio desinteressadamente abraçado e exercido com solicitude; como organ espontaneo dos mais, que labutam ainda, pedin-

do ás lucubrações da meditação intelligente a luz para as lides arduas da aula infantil—eu vos agradeço o favor desta aberta, que dais ao ultimo dos vossos collegas, para demonstrar como, quando a convicção da santidade do sacerdocio move os actos, a fraqueza se faz força, e as suggestões da vaidade se calam, dando palavra aos arestos da vontade bem intencionada. Mandastes por commissão do empenho commum: com as armas, que possui, estou no meu posto. Obrigado pela confiança no soldado: a minha bandeira será o vosso ardôr pela causa.

Minhas dignas e meus esforçados. Collegas. — O tom do discurso, que convém a este genero de comicios, em que nos aqui reunimos, e onde um espirito se abre para mostrar aos outros como pensa, esperando dos outros expansão igual, para que a resultante do confronto das opiniões seja um acôrdo sincero em proveito da causa commum, não é o diapásão solemne da pompa oratoria, que fascina e impõe, sem o simples colloquio desataviado da conversa, familiar e despreocupada, em que a mente de um se embebe no assumpto, que o coração levanta aos olhos de todos, affim que, do exame e do es-

forço colectivo, movidos pelo entusiasmo da crença e inspirados no anhelos pela verdade, ganhe elle esclarecimento e progresso.

Conversaremos, portanto, dando-me vós antecipada venia para que, nos arrebatamentos da palestra, lance por vezes, quando o exija a subitanea evocação de imagens, que o passado enthesourou, e que o presente devassa no crepuscular longiquo do porvir, a interjeição de um desabafo ou de um voto, gemer de saudade ou rangido de indignação, de fórma que o que penso e o que sinto se entretencam no contexto da linguagem, que, muitos dentre vós, fóra daqui sabem ser, em mim, a normal — a que me dá aos outros tal qual no meu fóro intimo eu sou.

Creio que só assim corresponderci dignamente á vossa distincção e á vossa expectativa.

Dai-me, pois, licença.

Eu vim aqui falar-vos do ensino da leitura.

Por que, minhas Senhoras, lêdes?

Por que, meus Senhores, tão promptamente quando os vossos olhos correm ao longo das linhas de uma pagina, a *bocca* vos repete o som das letras na musica da palavra, que a mente acolhe?

Direis vós, minhas Senhoras, direis vós, meus Senhores, que, conhecendo a figura das letras, a voz dos phonemas vos acode á memoria ao mesmo tempo que a sua imagem graphica, e a synthese traduz em harmonia logica o som isolado de cada uma dellas, produzindo a imagem mental, de que a figura e o som são os expôentes.

Estais, porém, bem, bem certos disso?

Vejam os.

Aqui tendes esta creança. Aqui tendes este pequeno conto grosseiramente escripto, sem preocupação de belleza calligraphica.

A creança vai lê-lo, conforme lh'o eu aponto, e não como está escripto.

(A creança leu as palavras, que formam o conto, em ordem diversa daquella em que estava escripto, mas sem prejudicar o sentido da narração).

Agora tomo este *alphabeto* e este *syllabario*.

(A creança teve difficuldade em dar o nome das letras e muita em lêr as *syllabas*, que errou frequentemente).

Que conclusis da experiencia? A pergunta fica feita e eu prosigo dando repouso á pequenina.

Lêdes, como lêdes, porque conheceis a voz dos phonemas e a ligais á sua fórma simultaneamente com a sua percepção visual?

Ou, só porque conheceis essa voz e fórma, podeis chegar a lêr como lêdes?

Não ha, notai bem, entre uma e outra interrogação, um jogo de palavras simplesmente. A experiencia feita com aquella creança torna, todavia, patente, a importancia da distincção.

Vai agora a experiencia comvosco confirmal-o, e apparelhar o terreno ás minhas conclusões, que, espero, accitareis.

(Appellando para uma das Senhoras). Lêde vós, fazei-me o favor, este trecho:

Não é, de certo, conveniente começar pelo *alphabeto* O alvitre mais acertado é pôr diante do alumno uma folha de impressão, que se componha de sentenças muito facéis, e lêr em voz alta uma sentença inteira, apontando cada uma das palavras, que fór sendo pronunciada.

(A Senhora lê o trecho promptamente) Obrigado pela vossa gentil complacencia.

(Appellando para um dos Senhores). Vós, a vosso turno, far-me-is o favor de lêr este. Não deveis hesitar um instante: todos estamos convencidos de que ligais, com celeridade electrica, á forma, a voz dos phonemas: põnde os olhos sobre a linha e lêde tão rapidamente como a nossa obsequiosa predecessora... Aqui tendes:

Adiānānorp odnes rōf euq sarvalap sad amu adac odnatnopa arietāi aēnetnes ed atla zov me rēl e siēcaf otium saēnetnes ed ahnōpmoc es euq oāsserpmi ed ahlor amu onmu'a od etnaid rōp ē odatreca siam ertivla O otebahpla olep raçemoc etneinevnoe, otrece ed, ē oāN.

(O cavalheiro lê o trecho, com hesitação muito natural). Obrigado, e relevai, á conta do ardôr pela causa, a inferioridade, em que ficastes no confronto da leitura, só porque vos dei o mesmo trecho, apenas escripto

do fim para o principio invertidas as palavras.

Expliquemos o contraste.

No primeiro caso, a Senhora leu com aquella facilidade, isto é, leu como todo o mundo lê e deve lêr, porque o que ella conhece, como aquella creança, são os grupos de letras numa ordem determinada, exprimindo *ideias* ou *funções entendidas* ou *conhecidas*, invertida ou alterada a ordem dos quaes, embora permaneça o valôr phonico de cada letra, a sua consciencia do grupo desappareceria, nenhuma imagem mental lhe suggeririam elles, e ella ficaria exposta ao vexame da prova do segundo caso, que a cortezia mandou adjudicar em partilha ao representante do sexo forte.

O representante do sexo forte, em vez dos grupos conhecidos na ordem conhecida, evocando imagens conhecidas, encontrou os seus elementos, puras abstracções na aproximação graphica de um isolamento logico eterno, e, conhecendo-os cada um de per si, extranhou-os na sua congerie, titubeou, venceu-os com gallardia, e trouxe ao campo da nossa contenda pacifica, no arfar da fadiga, a convicção de que a palavra do triumpho se deve á Senhora, isto é, á personificação graciosa, que, neste momento, representa a *analyse*.

Sigamos, porém, na nossa experimentação o methodo rigorosamente scientifico. Vamos agora demonstrar que é a consciencia do grupo, que habilita a lêr, sendo até nullo o valôr do phonema.

Vós, minhas Senhoras, que a todos os sacrificios não negais o vosso contingente, desculpai a franqueza, com que vos venho pedir que, agora, compartilheis dos rigôres, que a minha argumentação requer. Tomarei a liberdade de chamar-vos á leitura. E começarei pela mais humilde de todas vós; por aquella, aposto, que traz a esta arena a dupla satisfação de exaltar-se, exaltando a causa, que move, embora a sua ingenuidade não lhe possa dizer pelos labios, o que no coração lhe assucara o deleite. Não podereis sinão confirmar e applaudir a minha indicação. (Chamando a me-

nina, que leu já, e pedindo que leia o mesmo conto que leu, mas escripto em orthographia phonetica a leitura é, nas palavras escriptas diversamente, difficil ou impossivel). O meu silencio é a melhor conclusão a tirar da prova.

(Appellando para outra Senhora, e dando-lhe a lêr um trecho, em orthographia tambem phonetica, a leitura é naturalmente hesitante).

Um du puétismo eix que xega cum jéxtu rumânêsku i faz observaçan-u au jimnasta. Exti, abstêmiu, dejgarra kual xôka páta, exkuma, dá de man-u á axti, i klurôtiou i xulu, aplica-lhe uma frikjan-u.

Desculpai-me a ousadia, e obrigado. Continuemos.

(Appellando para outro Senhor dá-lhe a lêr um trecho, em que occorrem palavras de ltras mudas, que foram supprimidas, e a leitura resente-se da suppressão. A vós, meu caro, não conheço attenuante: si as letras supprimidas não tinham valôr, e si lêdes porque conheceis o valôr das letras, que importa aquella suppressão?

(Appellando para uma outra Senhora, dá a lêr um trecho composto de palavras pouco usuas na conversação ordinaria e a leitura é naturalmente ainda vacillante).

O nubieogo nome appareceu n'aquella gigantomachia tremenda com a infula hieratica, trazendo na guirlanda, atada pelo lemniseo, o apophthegma tradicional. O herculeo legionario, em quem a anorexia puzeira o tom da ochrosia, que enlvidece o parenchyma aos limbos, tinha abeberado de cruôr o frouxel da Calamyde, e, pela hemophthalmia rodusida por um golpe, que lhe alcançara o occipicio, sentia agora diploptica a avião.

Mas, minha Senhora, é isso exactamente: sem o conhecimento do grupo e da significação dos vocabulos e do seu relacionamento em linguagem, o mal partiu de mim em vos pedir a leitura, e não de vós em fazel-a como a fizestes.

Relevai-m-o, e accetai os meus agradecimentos.

Ora, meus illustres camaradas de magisterio, careço eu de algo mais para vos convencer de que a consciencia do grupo de phonemas, a significação e relação dos vocabulos, entre si e o conhecimento da ideia, que exprimem, é que nos permitem lêr, como lemos, e não o conhecimento



seguro do *valôr dos phonemas*, que é *variavel* e até *nullo* na nossa orthographia usual?

Agora, si a *consciencia do grupo* deriva da *pratica do vocabulo*, isto é do habito de *vêr o grupo*, o *vocabulo*, por que razão, em vez de simplesmente dizer: «a *ideia* tal é *representada por este vocabulo*» é fazel a apparecer até que a *consciencia* della coincida com a sua percepção visual, havemos de *apresental-a por decomposição*, isto é, tomar a *synthese* para exercer naquelle *pratica*, si a *synthese* é um esforço, que cansa e aborrece? Mas, direis, quando o intellecto tem o desenvolvimento, que trouxeram os annos, e, portanto, pôde fazer face á fadiga e afastar o aborrecimento pelo interesse e comprehensão da utilidade do

trabalho, isto é, no caso de alumnos de maior idade ou adultos?

«*L'ignorant est censé être enfant pour tout ce qu'il ignore*», e, consequentemente, o mesmo processo será applicavel sem seu prejuizo, pois que, dentro delle, caminhará na razão da velocidade, que o seu desenvolvimento lhe permittir. O que não poderá é prescindir daquillo, que nenhum processo dispensa na aquisição de qualquer arte: *tempo para a pratica*; ninguem lê de repente. E' claro que aqui só considero o caso do *individuo* de per si, ou o *individuo* em classe de elementos *homogeneos*: o alumno, posto, em idade *avancada*, entre menores, é uma *irregularidade* de que não cogito, porque o maior está nella e não no processo de ensino.

(*Continúa*)

## Psychologia

O methodo da *observação interna*, empregado no estudo dos factos psychicos, só podia originar, como de facto originou, *systematisações puramente subjectivas*.

Com razão diz A. Comte, a este respeito, que a *illusão* dos psychologos era analogá á dos antigos physicos, que acreditavam explicar a visão, afirmando que os raios luminosos traçavam sobre a retina as *imagens* dos objectos exteriôres.

Os physiologistas lhes fizeram notar que, si assim fosse, outros olhos se tornariam necessarios para as enxergar.

Do mesmo modo, para a pretendida *observação interna* da intelligencia seria preciso que cada individuo se dividisse em dois, um que pensasse, outro que observasse as operações intellectuaes. Era este o erro dos que pretendiam fundar a psychologia no estudo directo da *alma*, independentemente de toda e qualquer consideração externa.

Esse methodo foi, comtudo, abandonado; tractada, hoje, como sciencia

natural, o seu methodo não pôde deixar de ser o da *observação e da experiência*.

O emprego deste methodo, em psychologia, diz Wundt, não é possível sinão no dominio psychophysico e, para fallar com exactidão, só ha *experiencias psychophysicas*, mas não ha *experiencias puramente psychologicas*.

Entretanto, como este methodo consiste em fazer variar as condições exteriôres que estão ligadas á produção dos phenomenos internos, segue-se que, por elle, taes phenomenos se tornam accessiveis.

Querendo-se, por exemplo, conhecer a *intelligencia*, cumpre a procurar observar no homem normal, no anormal, no selvagem, no civilisado, no que se acha em estado de saúde, no que se nos apresenta em estado pathologico, no que não attinge o seu completo desenvolvimento — o idiota, o imbecil e o fraco de espirito — no que revela um desenvolvimento intellectual excepcionalmente encontrado, no que se acha sob a influencia

de creanças religiosas ou philosophicas, no que soffre o influxo de um clima frio ou quente, na creança, no adulto, no velho, etc..

Variando assim as condições em que a *intelligencia* se manifesta, pôde-se chegar á que é revelada pelos animaes inferiôres e procurar a correlação entre ella e o *systema nervoso*.

Querendo-se conhecer uma *simplex sensação*, podem-se variar as condições em que ella se produz e determinar-lhe o tempo de duração e a intensidade.

Tracte-se das sensações, que são, em ultima analyse, a base de todos os factos psychicos e o alimento de toda a vida mental; tracte-se ainda dos movimentos involuntarios, da linguagem, das fórmulas inferiôres do sentimento; tracte-se da vontade, da attenção, das noções complexas de espaço e de tempo, dos sentimentos estheticos, directa ou indirectamente, a psychologia se apoia sobre os dados da physiologia. E, quando a physiologia é insufficiente, a anthropologia, a ethnographia, a historia e a estatistica lhe servem de apoio.

Relativamente á suggestão mental, a estatistica tem apresentado resultados como os que se seguem:

1	sucesso em	1 1/2	<i>experiencias</i>
1	»	»	3 3/4
1	»	»	13
1	»	»	12 1/2
1	»	»	10
1	»	»	3 1/2
1	»	»	2

Termo medio: 1 successo em 5 1/4 *experiencias*. E é visto que taes relações já excluem em parte as coincidencias que se possam attribuir ao acaso.

Sem o conhecimento da historia, não será possível o do sentimento religioso ou o da psychologia de Machiaveli, Napoleão, Luthero, etc., a de qualquer chefe politico ou a de qualquer philosopho ou pensador.

As circumstancias sociaes e politicas exercem tanta influencia sobre os sentimentos e as opiniões dos homens que o que é, em certa época, muitas vezes um vicio ou um paradoxo, em outras é uma virtude ou um axioma.

A ethnographia nos mostra, por exemplo, que ha selvagens incapazes de contar além de quatro, tão limitada é a sua cultura intellectuai. O psychologo conclue dahi que esses individuos da especie humana, não conseguindo abstrahir e generalisar, não podiam nem podem ter a *ideia do infinito*.

Sem a anthropologia, finalmente, cu a historia natural do homem, não se chegaria a conhecer positivamente a relação existente entre a actividade psychica e o desenvolvimento physico.

Não se pôde conhecer a *substancia do espirito* pela mesma razão que se não pode conhecer a *substancia* da electricidade, ou a do movimento, ou a do calôr, ou a das *funções* dos diversos orgaos dos animaes ou, finalmente, a das diversas propriedades physicas ou chimicas dos corpos.

Mas, si não podemos conhecer a *substancia*, nem por isso ficamos na impossibilidade de chegar, por meio do methodo experimental, ao conhecimento claro e preciso do que vem a ser *espirito*.

As experiencias demonstram que as percussões eguaes, que se não elevam a mais de 16 por segundo, produzem effeitos que são percebidos como *simples ruidos*. Ultrapassando, porém, este numero, os *ruidos* não são mais reconhecidos na consciencia como estados separados, mas, sim, como um estado continuo, chamado *som*. Si augmentar a rapidez das percussões, o som se tornará cada vez mais agudo, chegando a um ponto que não mais será apreciavel *como som*.

Assim, de uma unidade de estado de consciencia — o *ruido* — podem resultar diversos estados de consciencia que se distinguem *quantitativamente*.

Com uma serie de ruidos rapidos produz-se uma outra serie, na qual os ruidos são mais rapidos.

O effeito que deste modo se obtem é uma mudança na qualidade do som, isto é, o *timbre*. Este é devido, em outros termos, a sons secundarios que acompanham o som principal. Por consequente, si as diferenças de sensação resultantes dos diversos graus do som se originam de diferenças de integração entre os ruidos da mesma

serie, as diferenças de sensação conhecidas como diferenças de *timbre* se originam da integração desta serie com outras que têm outros graus de integração. Um só estado de consciencia produz, portanto, um grande numero de outros estados de consciencia, que se derivam do primeiro.

Reciprocamente, o som musical, que parece simples, se decompõe em sons simples.

Mas, que é que produz o *ruido*, que se transforma em som, que se transforma em timbre ou nas harmonias e melodias que a musica nos proporciona sinão um *choque nervoso*?

E que é que produz em cada individuo as emoções, sentimentos e pensamentos que a musica desperta, sinão esse choque nervoso que se transforma em taes estados de consciencia?

O mesmo facto se observa relativamente ás sensações luminosas.

Certo que os choques nervosos causados por uma forte descarga electrica, como o raio, por um forte relampago, pela luz electrica como é utilizada na illuminação, ou pela luz de uma vela, são da mesma natureza: só differem *quantitativamente*, isto é, uns são mais intensos do que outros.

Entretanto, os estados de consciencia que originam não são os mesmos.

De um modo gera', uns despertam estados de consciencia *desagradaveis*; outros, pelo contrario, formam estados de consciencia *agradaveis*.

Si as nossas sensações e emoções, si a vida psychica, em uma palavra, só pudesse constituir-se á custa de choques nervosos violentos, não valeria a pena viver.

Tire-se, alem disso, o nervo optico

de um individuo: não lhe serão possíveis todas as impressões que se originam da contemplação do mundo externo — o limpido azul do ceo, o firmamento, a successão dos dias, a saudade que suggere a luz crepuscular da tarde, etc..

Similhantermente podemos raciocinar, figurando a hypothese da supressão do nervo acustico, do olfactivo, do glosso-pharingeo, dos nervos sensitivos e dos motores.

E que restará então para attributo dessa entidade que se suppõe pensar, sentir e querer, dirigindo o corpo através da vida?

Dir-se-á, provavelmente, que a alma não pode manifestar-se por causa da imperfeição do aparelho.

Na machina a vapôr não será possível o movimento, si o cylindro, por exemplo, fôr substituído por um tronco de pyramide.

Do mesmo modo, o pensamento, o sentimento, tudo quanto, emfim, constituir a vida psychica será impossível, si o organismo, o corpo, não estiver perfeito.

Neste caso, porém, o espirito ficará reduzido a um simples factor da alma. E assim como o vapôr, só por si, não produzirá o movimento da machina, a alma, só por si, não será capaz de pensar, sentir e querer.

ARTHUR BREVES.

NOTA. — No passado artigo houve um engano de revisão: onde está *a operação* se opera, deve ser *a reparação* se opera.

A. B.



## Ideias Geraes

### Sobre Sciencias Positivas

I

O amor para principio,  
A Ordem para base,  
O Progresso para fim.

A. COMTE.

Classificar é reunir, em classes, objectos que tenham entre si caracteres communs em maior numero que os existentes entre esses mesmos objectos e os excluídos dessas classes.

Esses objectos reunidos em classes são mais importantes que os excluídos e apresentam ainda maior numero de caracteres subordinados.

Foi Augusto Comte o primeiro que classificou as sciencias por uma maneira assás racional e positiva.

Littré confessa que por muito tempo fez uzo, e para objectos muito diversos, da classificação das sciencias, segundo Comte, como um guia mental, limitativo e methodico, sem que por isso fosse levado a contradicções implicitas ou explicitas, nem tão pouco a absurdos philosophicos.

E o que Littré confessou, confessam-n-o todos os que têm tido occasião de pedir á philosophia positiva a classificação de qualquer sciencia.

Por isto, sómente, se póde calcular a intelligencia desse philosopho — Augusto Comte — que as gerações hodiernas admiram, respeitam e estudam, e que foi incontestavelmente um sabio na

accepção mais lata da palavra.

A sciencia póde definir-se um conjuncto de leis (1) que regem phenomenos (2) da mesma ordem.

Todas as vezes que estes phenomenos têm passado á categoria de leis ou a condições fixas de manifestação: que essas leis se acham ligadas a uma lei geral, a um facto irreductivel — o que *classifica os phenomenos e determina a sua ordem* — tendo-se achado, por ultimo, o methodo, póde dizer-se que uma sciencia fundamental qualquer se acha constituída.

Da distribuição dos phenomenos em diversas ordens naturaes distinctas, resulta a divisão da *sciencia geral* em tantos grupos correspondentes que se denominam *sciencias fundamentaes*.

Ha pois *sciencias fundamentaes* e em numero de seis, que são: a *mathematica*, a *astronomia*, a *physica*, a *chimica*, a *biologia* e a *sociologia*.

Estas sciencias são como *correlativas*, no que se mostram identicas com os phenomenos de que se compõem. Assim, sem o conhecimento das mathematicas, será impossível apprender astronomia; sem conhecer os factos geraes d'astronomia, impossível será apprender physica; igualmente haverá impossibilidade de apprender chimica sem o conhe-

cimento previo dos factos geraes da physica.

As sciencias fundamentaes chamam-se, ainda, *abstractas* porque, para estudar cada uma de per si, é preciso destacar, por assim dizer, os phenomenos que as constituem de todos os objectos differentes a que dão origem, bem como separar-as dos phenomenos d'ordem diversa que nelas se encontram.

Pela combinação, pelo concurso das sciencias abstractas, pôde-se chegar ao conhecimento perfeito dum objecto particular qualquer.

Ao estudo proveniente desta combinação ou concurso de sciencias abstratas, dá-se o nome de *sciencia concreta*.

Assim, do concurso das mathematicas, da astronomia, da physica e da chimica, resultam a *geologia* — que estuda as *revoluções cosmicas*, isto é, as que têm experimentado a superficie do globo e os *terrenos* — e a *mineralogia* — que estuda os mineraes terrestres e as rochas; do da geologia, mineralogia e biologia — a *paleontologia* que estuda os seres organizados fosseis; do da biologia e sciencia inferiores — a *botanica*, a *zoologia*, a *entomologia* a *ornithologia* e a *anthropologia*.

As artes — chamadas, impropriamente, sciencias applicadas — não são outra cousa mais que o resultado da combinação do conhecimento de certos factos duma sciencia abstracta ou concreta.

Assim, das mathematicas derivam, como applicações, a *hy-*

*draulica*, a *geodesia*, a *construcção de machinas*; da chimica geral — a *chimica industrial* e a *analyse chimica* ou *docimasia*; da botanica — a *agricultura*; da anthropologia — a *medicina*; da sociologia — a *politica*.

Tal é a classificação das sciencias segundo Augusto Comte e Littré, mas de que discorda Herbert Spencer, não tendo sido até hoje — apezar de pertinazes e philosophicas discussões entre estes campeadores famosos e os discipulos das escolas respectivas — virem a um acôrdo; disto tem resultado cada uma daquellas considerar com em erro — em certos pontos — a adversaria.

Herbert Spencer — digamolo de passagem — dividiu a sciencias em tres partes, a saber — *sciencia abstracta*, *sciencia abstracto-concreta* e *sciencia concreta*.

A sciencia abstracta, segundo elle, tracta das fórmias sob que os phenomenos nos apparecem e comprehende a logica e as mathematicas.

A sciencia que tracta dos proprios phenomenos estudados nos seus elementos — é a sciencia abstracto-concreta que comprehende a mechanica, a physica, a chimica, etc.; a que estuda estes mesmos phenomenos mas no seu conjuncto, é a sciencia concreta — que comprehende a astronomia, a geologia, a sociologia, etc..

Veamos agora, mas muito em geral, que outra cousa não permite o natureza desta Revista, qual o objecto, quaes os ramos, divisões e subdivisões; processos e factos proprios de cada uma destas sciencias.

## PEDAGOGIA PRATICA

# Cartographia

## Noções sobre Escalas

No mappa do Brazil de 1 para 3 milhões, um millimetro quadrado no mappa vale 3000000 de millimetros ou 3 kilometros no territorio. Neste mappa a linha *c* pela formula  $c-C$  e, será de um metro e 433 millimetros., que é o quociente de 4300000000 divididos por 3000000 ou de 4300 km por 3 km.

A costa do Maranhão tendo no referido mappa 190 millimetros, terá no territorio esse numero multiplicado por 3, o que produzirá 570 kilometros lineares porque pela regra de tres 1: 3000009:: 190: x, donde o resultado.

No mappinha do Brazil de 1 para 25000000 em um millimetro no mappa vale 25 kilometros no territorio a linha *c* é igual a 4300 dividido por 25, o que produz 172 millimetros. Neste mappa a costa de São Paulo, tendo 18 millimetros em linha recta, produzirá 450 kilometros no territorio.

O curso de um rio qualquer nesta escala, em kilometros, é igual ao seu comprimento em millimetro, no mappa, multiplicado por 25.

Assim o rio Tietê, tendo 48 millimetros nesse mappa, terá 1200 kilometros no curso do rio.

A Estrada de Ferro Inglesa, tendo no mappa 32 decimillimetros, indicará a extensão de 80 kilometros na referida estrada, porque 3,2 multiplicado por 25 produz 80 km. (1).

Deixamos de entrar em outras considerações porque pelo exposto o leitor poderá resolver todos os problemas desejaveis.

27-3-910

LUIZ CARDOSO

(1) Na escala de 1 por 4000000, em que cada millimetro no mappa vale 4 kilometros no territorio, a distancia de Santos a São Paulo, acompanhando as curvas da estrada tem 20 millimetros, que multiplicado por 4 kilometros dá 80 km. Neste caso a linha *c* tem 25 centimetros. Si a linha *c* tiver um metro, um centimetro no mappa valerá um kilometro na superficie do estado E' a escala de 1:1000000. E, portanto, a distancia de São Paulo a Santos no mappa seria 80 millimetros, o que equivale a 80 kilometros na estrada em questão.

## Páginas Civicas

(João Kopke — A GRANDE PATRIA)

(Para dialogo nas escolas primarias)

IX

(Conclusão)

— Houve um tempo, meu filho, em que Portugal cortou affeito

... mares nunca d'antes navegados, e os Portuguezes

em perigos e guerras esforçados, mais do que permittia a força humana,

entre gente remota edificaram  
NOVO REINO que tanto sublimaram.

— Isso é verso, Papai, e acho que já li. Não é Camões?

— E'; nos *Luziadas*.

— Que quer dizer *Luziadas*?

— Os Portuguezes, de quem conta as grandes navegações. Sabes que *novo reino* é este que fala?

— Não, senhór.

— E entendeste o que elle quer dizer no verso, que recitei?

— Acho que entendi. Não é que elles andaram mettidos em perigos e guerras, e fizeram um novo reino lá longe?

— Mais ou menos isso. O *novo reino* é a Índia, a *colônia* portugueza na Índia.

— Mas tu vais me falar da Índia, ou da descoberta do Brazil?

— Do que me pediste.

— E, então, que tem o Brazil com a Índia?

— Tem tanto como tu com aquelle cajueirinho, que alli vai nascendo.

— Eu?

— Sim, tu; o Alvaro; o meu filho Alvaro de Souza Caminha.

— Como?

— A mim é que toca perguntar-te: quem o plantou alli?

— Não sei.

— Pois eu te digo que não foi ninguém.

— Nasceu por acaso?

— O que quer dizer o teu *por acaso*?

— Sem ser plantado de proposito.

— Sim; e foste tu que assim o plantaste?

— Eu?

— Precisamente. Não te lembras daquelles cestinhos de cajús, que o dr. Alencar nos mandou pela Carola, quando desceu de Petropolis? Tinhas sobre a janella o prato, em que separáras alguns para os chupares e pôres o bagaço e as castanhas; uma vi eu, cahiu delle, e, tempos depois, dando com o cajueirinho, lembrei-me logo de quem o plantou.

— E Papai queria que eu, que não o percebi, atinasse com a sua pergunta? Mas isto é que é a descoberta do Brazil?

— E' o caminho da descoberta do Brazil; verás. No seculo XV, isto é, no seculo, que começou com o anno de 1401, os Portuguezes deram se com ardôr a viagens e descobrimentos marítimos. Havia, para isso, varias razões. Repara naquella mappa da Europa. Olha como Portugal está aqui para a esquerda, para o lado da America, e proximo da Africa. Essa era

uma razão: não podia alongar-se não para o mar. Outra: era muito difficil e longa a viagem, pelo Mediterraneo e interior da Asia, para chegar á Índia, e, por isso, procurava-se uma passagem pelo mar. Em 1487, Bartholomeu Dias, avançou até ao Cabo das Tormentas, e, em 1497, Vasco da Gama (1) dobrou, chamando-lhe Boa-Esperança, seu nome actual; subiu pela costa occidental da Africa, e foi chegar á Índia, onde teve feliz acolhimento e onde preparou terreno para o dominio portuguez. E' aqui que a castanha cae do prato.

— Como, Papai?

— De volta a Portugal, o rei d. Manoel I incumbiu a Pedro Alvares Cabral, (2) a quem entrega uma esquadra, de ir firmar o dominio portuguez no paiz visitado pelo Gama. Obedecendo a real determinação, ou porque se afastasse muito para o occidente, ou porque fosse arrastado pelas correntes do oceano, fosse lá pelo que fosse, avistou a Oeste...

— Um cajueirinho brotando...

— Velhaco!... A 21 de abril, signaes de terra. Approximando-se no rumo delles, isso a 22 encontrou um porto, a bahia de Santa Cruz, e nelle entrou a 25. A 1 de maio fez dizer uma missa em terra, depois de haver, antes, sido dicta a 26, uma outra numa ilha visinha. A differença do aspecto e a lingua dos selvagens, que ahi encontrou e que bem os acolheram, convenceu logo a Pedro Alvares Cabral de que aportára a plagas desconhecidas. Tratou, pois, em seguida ao primeiro exame, de tomar posse da região em nome do rei do Portugal, o que fez levantando uma cruz de madeira com as armas portuguezas (3) e lavrado um auto dessa solemnidade. E depois, destacando da sua frota Gaspar de Lemos com um navio, mandou-o comunicar o feliz successo a d. Manoel, e seguiu para a Índia. O cajueiro nasceu, pois; vê, meu filho, que, indo para a Índia, Cabral veio ao Brazil.

— Pelo que tu dizes, o Brazil foi

1-Galeria de hist. braz., ed. Garnier pag. 2  
2- " " " " " " " " 3  
3- " " " " " " " " 4

descoberto a 22 de abril de 1500, isto é, no ultimo anno do seculo XV?

— Sim, e fechou com chave de ouro as descobertas marítimas dos Portuguezes.

— E por que é que a Republica festeja o seu descobrimento a 3 de maio?

— E não commemora nada a 22 de abril?

— A 21, commemora, é verdade, a morte do Tiradentes; mas, a 22, nada.

— E achas isto singular?

— Muito. Por que é?

— Tu sabes o que é o Calendario?

— A folhinha?

— Sim. O Calendario de que nós usamos, é o que foi reformado pelo papa Gregorio XIII. Antes se usava do mandado fazer por Julio Cesar, tribuno e ditactor de Roma antiga. Para adoptar o novo, teve-se de accrescentar onze dias ao velho, ou, o que vale o mesmo, contar onze adiante: assim, o dia 22 de abril, por exemplo, passou a ser 3 de maio. A razão não é muito *razoavel*, porém...

— Vá na fé dos padrinhos. Calcúlo a satisfação, que havia de sentir Pedro Alvares Cabral, diante da belleza que encontrou na nossa terra!

— Devia ter sido igual ao pasmo, que mostram, diante dos Portuguezes os indios no quadro da primeira missa, tambem pintado por Victor Meirelles, auctor da batalha dos Guararapes e do combate naval do Riachuelo. (1)

— Riachuelo?... Quando?... Ninguém me falou nesse.

— E' que não te quizeram aturdir com a narração dos horrores de uma guerra. *O Imperio foi a paz*, dizem os monarchistas. Pois o combate de Riachuelo foi durante uma guerra, que no reinado de d. Pedro II, o Brazil sustentou contra o Paraguay. Não te vou agora desfiar os successos desta campanha, que durou cinco annos e terminou pela nossa victoria em 1870, custando-nos, como todas as guerras, muito dinheiro e muitas vidas preciosas. Na estante de teu avô e na minha acharás livros especiaes, que te dirão alguma coisa sobre ella. Mas calcula tambem a alegria do rei d. Manoel ao receber a noticia, e não te

1-Galeria de hist braz., ed. Garnier pag. 54

ha de admirar que, logo em julho, communicasse a todas as nações da Europa que... o cajueirinho tinha nascido e pertencia a quem o semeiou sem querer. Nos annos seguintes tratou, esta, de explorar a nova terra. A 1.ª expedição veio em 1501 e explorou desde o Cabo de São Roque até São Vicente; a 2.ª tocou na ilha Fernando de Noronha e entrou em Porto Seguro.

— Porto Seguro? Onde era isso?

— Era o porto em que Cabral tinha ancorado. Ahi se fundou, em 1526, uma villa: a de Sancta Cruz.

— As primeiras expedições vieram ao mando de André Gonçalves, Gonçalo Coelho, Dom Nuno Manoel, talvez, e Christovam Jacques.

— Mas não me disseste que nome deu o Cabral á terra, que descobriu.

— Ilha de Vera-Cruz ou verdadeira Cruz, nome que se mudou no de Sancta Cruz, e que nos recorda a cruz de estrellas do nosso formoso ceo do Sul.

— A mesma que a Republica mandou bordar na bandeira, recordando o aspecto do ceo na manhã de 15 de novembro de 1889, segundo me disse o dr. Alencar?

— Justamente: o Brazil é a terra do Cruzeiro do Sul.

— E o nome do Brazil donde lhe veio?

— Diz o sr. barão do Rio Branco, num esboço de historia da nossa patria, que não tardou a ser o paiz, descoberto por Cabral, conhecido por este nome, que já era empregado no commercio, e, então, dado a certa madeira de tinturaria de côr vermelha, que se encontra em abundancia nesta parte da America.

— Sei; é uma madeira muito vermelha que se chama mesmo *pau brazil*; já vi um pedaço numa collecção que tem o dr. Alencar.

— Sim, sim; e o conhecimento dessa madeira influiu muito tambem na historia da nossa Patria.

— Por que?

— Porque começaram a vir ahi procural-a muitos armadores, sobretudo, os francezes; o rei do Portugal para evitar o contrabando, e que se apoderassem da terra, deliberou ex-

ploral-a seriamente e colonisal-a, depois de a deixar quasi abandonada até 1526. Sabendo que, em França, se apparelhavam dez navios com destino ao Brazil, mandou d. João III, que succedera a d. Manoel, Christovam Jacques com uma nova nau e cinco caravelas perseguil-os. Este fundou uma feitoria á margem do Igua-rassú, em Pernambuco; desceu até o Rio da Prata; e, na volta, encontrou embarcações francezas na Bahia, e destruiu-as aprisionando a tripulação.

— Estes Francezes sempre eram teimosos!

— E desde 1504 que visitaram a nossa terra: o primeiro que cá veio foi Paulmier de Gonneville. Nem admira a cubiça, porque Americo Vesputio, que escreveu uma carta, publicada nesse anno, sobre o Brazil, delle dizia: « e, si no mundo ha algum paraizo terrestre, sem duvida deve ser não muito longe desses lugares ».

— Não podia dar uma ideia melhor do que é a nossa Patria, Papai!

— Pois bem; para não perder esse paraizo, fez d. João III sahir de Portugal, em 1530, uma outra expedição ao mando de Martim Affonso de Souza. Compunha-se ella de duas naus, um galeão, duas caravelas, e quatrocentas pessoas. Martim Affonso trazia ordens de fundar e governar uma colonia, tomando posse da terra, que estivesse dentro da linha de demarcação na parte de Portugal.

— Linha de demarcação?

Sim; uma linha que separava o que era de Portugal do que era da Hespanha.

— E quem marcou essa linha?

— Ah, meu filho, isso já é outra historia. Nos tempos em que o nosso Brazil nasceu, todas as questões entre os reis christãos eram decididas pelo papa, isto é, pelo chefe da religião, de que todos elles eram fieis. Ora, quando Colombo descobriu a America...

— Quem?

— Christovam Colombo (1).

— Quem era esse?

— Ah, este é que não derribou castanha nenhuma do prato, Alvaro. Planou porque quiz, embora nascesse ca-

jueiro, quando elle esperava laranjeira.

— Como, como, Papai?

— Assim não chegámos á linha de demarcação. Não te parece que é melhor fncar primeiro um marco de separação entre a arvore do acaso e a arvore do proposito?

— Finca, finca, Papai?

— Quando Colombo descobriu a America, o rei da Hespanha conseguiu do papa Alexandre VI...

— Quem era o rei da Hespanha?

— Fernando de Aragão, casado com Izabel de Castella — Conseguiu uma bulla...

— O que é bulla?

— E' um decreto do papa — que declarou pertencerem á Hespanha todas as terras descobertas, que ficassem ao occidente de uma linha imaginaria, que cortasse o mundo em duas partes eguaes, passando a cem leguas das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde, na Africa. Julgando-se prejudicado com esta divisão, o rei d. João II...

— Esse não governou o Brazil?

— Não... O rei d. João II queixou-se; reclamou varias vezes, e, não alcançando nada, dispoz-se para uma guerra com a Hespanha. Entretanto essa guerra não se deu; as duas nações entraram, em 1494, em acôrdo pelo tratado de Tordesilhas, que mandou passar a linha imaginaria a 360 leguas das ilhas de Cabo-Verde, ficando a metade do occidente á Hespanha e a do Oriente a Portugal. A esquadra que d. João II tinha preparado contra Fernando foi, pois, tambem, uma castanha de cajú...

— De que nasceu a India, não é?

— Não era difficil agora adivinhar. Sabes, pois, o que é a « linha imaginaria? » Aqui a tens neste planispherio.

— Mas nesse tempo valia a pena ser Papa: mandava mais do que os reis todos.

— E hoje ainda vale bem a pena, embora seja muito menor o seu poder. Mas tambem foi uma felicidade que assim fosse, meu filho.

— Para os papas?

— Para nós. Si não fosse esse poder do papa, as nações da Europa,

inteiramente separadas pelos seus interesses e rivalidades, teriam desaparecido na lucta entre si, e nós não estaríamos, talvez, agora, aqui.

— Então Viva o papa!

— Sim, mas hoje « viva como póde viver ». Os tempos mudaram; a humanidade fez grandes progressos, e os papas, sem a acompanhar, quizeram conservar o mesmo poder, que tiveram, e, com isso, perderam muito da sua importancia. Mais tarde entenderás estas cousas melhor. O nosso Martim Affonso de Souza chegou, entretanto, em 1531, ao Brazil, que costeou do Cabo de Santo Agostinho, até ao arroio Chuhy, donde mandou seu irmão Pedro Lopes de Souza tomar posse do Rio da Prata. No anno seguinte, voltando, desembarcou em uma ilha, chamada pelos natuaes Uirápiran, e resolveu fundar ali uma colonia: foi essa a villa de S. Vicente, que ainda hoje conserva esse nome.

— Essa foi, então, a primeira povoação do Brazil?

— A primeira regular, pois debes lembrar-te que Christovam Jacques fundou, em Pernambuco, uma feitoria.

— E não achou, Martim Affonso, selvagens nesse lugar?

— Selvagens, e até gente civilizada.

— Devéras?

— Como te digo. Os selvagens extranharam a visita e preparavam-se para hostilizar os hospedes, quando um homem branco, que entre elles se achava, reconhecendo-os como irmãos, transformou o ataque em amistososo acolhimento.

— Quem era esse homem? Como veio ahí ter?

— Era um portuguez: João Ramalho, e chegou ao Brazil como o Camarurú, segundo parece.

— E morava ahí mesmo, onde Martim Affonso desembarcou?

— Proximo; no planalto da serra de Paranapiacaba, onde se allia a filha do chefe indio Tibirigá, em Guapituba ou Borda do Campo. Neste lugar, Martim Affonso estabeleceu uma parte de seus colonos, e, mais tarde, se tornou essa colonia conhecida por

Santo André da Borda do Campo. João Ramalho foi nomeado guardamór do campo; e, de Cananea, Martim Affonso mandou para o interior uma pequena comitiva, que, depois de atravessar o Paraná, foi repellido pelos Guaranyes, e destruida no Igua-rassú, quando vinha de retrada. Em Cananea mesmo já havia portuguezes: Duarte Peres, bacharel desterrado de Portugal, Francisco Chaves e Aleixo Garcia. Daquella aldeia de Santo André foi que os moradores foram, mais tarde, desertando, quando os Jesuitas, em 1554, fundaram uma casa em Piratininga, que passou a chamar-se S. Paulo, e é hoje a capital do Estado de São Paulo. Em 1533, Martim Affonso tornou a Portugal, deixando em boa ordem o que havia fundado e que muita despeza custára ao thesouro portuguez.

— Muita despeza, papai?

— Sim — tanta, mesmo, que o governo não poude continuar a colonisar o Brazil assim; e, em vez de fazer o elle proprio, resolveu dividil-o e incumbir outros de o fazerem.

— Mas, Papai, si o governo não podia, quem é que havia de poder?

— Quem tirasse lucro de o fazer, meu filho.

— E quem é que o podia tirar?

— Aquelles a quem o governo des-se as terras com a obrigação de as explorarem e cultivarem. Não é assim que se faz com uma grande fazenda? O fazendeiro não entrega a cada colono uma certa porção de terra, cultivada ou a cultivar, com a obrigação de lhe dar um certo pagamento nesta ou naquella safra? O governo portuguez dividiu, pois, o Brazil, em doze partes e deu as, com certas condigões, a doze homens de sua confiança e apreço. Esses quinhões chamaram-se capitánias, e os que as receberam, donatarios, com o titulo de governadores e capitães.

— Quem foi o rei que fez isso?

— Um teu conhecido — o successor de d. Manuel I — d. João III.

— E os donatarios fizeram o que d. João esperava?

— Alguns fizeram bastante; outros nem tentaram fazer nada. Não era assim tão facil colonisar capitánias

tão vastas. A despeza era grande, e grande o perigo pelos assaltos dos indígenas.

—Mas os indígenas receberam tão bem os portuguezes!

—E assim os trataram enquanto não comprehenderam que esses hospedes o que queriam era despojal-os das suas terras e convertel-os em seus escravos. Demais, naquelle tempo, o desejo de todo o mundo era ir para a India, que era um paiz feito. Gente para o Brazil só se achava nas prisões e na peor classe do povo. Dahi desordens continuas entre colonos e insubordinação destes para com as auctoridades; e tu sabes que, com a desordem nada vai por diante. Por isso, o mesmo rei d. João III teve de crear, em 1549, um govêrno geral, a que ficassem sujeitas todas as capitánias, e mandou Thomé de Souza fundar, em ponto mais central da costa, nova povoação que fosse a *Capital* da colonia. Já deves saber qual foi essa povoação.

—A cidade de Salvador.

—Já, tambem, sabes o que fizeram os governadores e como, pouco a pouco, as terras foram sendo exploradas —os indios contidos, nos seus assaltos —a ordem estabelecida entre colonos —o respeito á auctoridade imposto —e, enfim, um govêrno regular organizado, até que o povo brasileiro, sentindo-se forte, se separou de Portugal e constituiu uma nação independente, sob a forma monarchica, felizmente substituida pela republica federativa, que ha de fazer a sua prosperidade.

—E para isso foram precisos 396 annos.

—Bem pouco para uma nação, meu filho.

—Mas os Estados-Unidos, com pouca mais idade, estão bem mais adiantados do que nós, Papai.

—Achas pouca uma differença de quarenta e seis annos de vida independente sob a forma republicana federativa, e queres comparar o Brazil, *concentrado* no Rio de Janeiro, para esplendor de um throno, durante sessenta e sete annos, com os Estados Unidos da America do Norte?

—Não acho, não, senhor; mas queria que o nosso Brazil pudesse emparelhar com elles.

—Depende de mim, depende de ti, depende de todos os Brasileiros. Hoje somos um povo livre; nenhum privilegio separa um homem do outro, esta classe daquella. Os unicos titulos de nobreza consistem na veneração e no reconhecimento, que a sociedade concede aos que se mostram mais dignos. «*Ser digno*»—eis a obrigação de cada brasileiro. Na batalha de Trafalgar, Nelson mandou arvorar a legenda memoravel: «*A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever*», e a victoria glorificou as armas inglezas. A Liberdade, 15 de Novembro de 1889, arvorou essa legenda no pavilhão nacional, substituindo a cruz, symbolo que separa crentes, o Cruzeiro radiante, que, lá do alto, fulgura para todos como o emblema sagrado de uma Patria, onde a fraternidade vincula cidadãos livres, que, pelo reciproco amor caminham, través de ordem, para um progresso sempre crescente. Obedeça cada um ao glorioso motto, e terá cumprido o seu dever. Para nós, os grandes, a fé inabalavel na Republica, o voto reflectido nas urnas, a actividade honesta na praça publica, e a dedicação affectuosa e consciante na familia; —para ti, para os pequenos, a luz da escola, que illumina a intelligencia e a elevação dos sentimentos, que deve guiar os actos. Perdôa-me, Alvaro, si falo de modo que não entendes; o amor desta Patria, que vejo tão mal julgada pela paixão de muitos de seus filhos infelizes, e que a tua comparação rebaixou, doeu-me e fez-me esquecer que te falava.

—Não entendi todas as tuas palavras, Papai, mas o calor do teu patriotismo fez-me sentir que amo como tu a nossa Patria e que, por ella, hei de fazer tudo o que disseste.

—Obrigado, meu filho, TUDO, então, PELO BRAZIL?... TUDO PELA REPUBLICA?...

—Do fundo dalma, Papai: TUDO!

## O Brazil

E' o maior paiz do mundo em extensão costeira e occupa quasi a metade da America Meridional. O seu littoral mede 1200 leguas e a sua maior extensão de leste a oeste é de 725 leguas.

Segundo a geographia, os maiores paizes do mundo são:

1—o imperio russo,

2—o imperio chinez,

3—a America Septentrional ingleza,

4—os Estados Unidos,

5—o Brazil.

Vejamos si de facto compete ao Brazil o quinto logar.

A China propriamente dicta tem uma extensão territorial que mede apenas 440000 kilometros quadrados.

Os Estados Unidos têm . . . . 9212300 kilometros quadrados com o territorio de Alaska, o qual inteiramente separado da superficie, é de 1477300 kilometros quadrados; subtrahindo-se, pois, esse numero, vemos que os Estados Unidos têm de superficie 7836900 kilometros quadrados.

Ora, o Brazil tem uma superficie de terras continuas superior a 8337218 kilometros quadrados.

Portanto, só existem dois paizes maiores que o nosso: America Septentrional ingleza, que

tem 8689218 kilometros quadrados e o Imperio Russo que tem mais de 21000000.

Mas, quanto ás terras uteis, o Brazil pos-ue mais do que esses dois paizes porque nos nossos 8337218 kilometros quadrados, tem 500000 não inhabitaveis ou inhospitos, ao passo que desses 21 milhões de kilometros quadrados da Russia, mais de 15 milhões são desertos, steppes gelados, estereis, nús e inhospitos.

Nesses 21 milhões, só seis milhões, são aproveitaveis, e dos nossos 8337218, mais de 7 milhões são aproveitaveis.

Da America Septentrional ingleza, apenas 5 milhões são aproveitaveis.

Quanto á fertilidade do solo, é então a nossa patria a primeira nação do mundo em extensão territorial.

E, tambem, quanto á população, não occupamos logar muito inferior, pois podemos classificar o Brazil em 12.º logar.

Embora ainda não se tenha procedido ao recenseamento da população brasileira, podemos, entretanto, por meio de um calculo muito approximado, saber qual é ella actualmente.

Ella: 28 a 30 milhões.

Podemos dizer, sem medo de errar, que o Brazil tem 28 mi-

lhões de habitantes e não erramos muito, si dissermos que tem 30 milhões.

Já temos cerca de 30 mil kilometros de estradas de ferro.

Os nossos rios, navegados por barcos a vapor, medem um percurso de 6000 kilometros no Amazonas e seus afluentes; 2500 no Paraguay. As nossas linhas telegraphicas medem talvez mais de 300000 kilometros.

As costas do Brazil são illuminadas por mais de 30 pharóes e temos 24 portos accessiveis á navegação de longo curso.

Tem, finalmente, o Brazil cerca de 1000 municipios e 485 cidades.

Em consequencia das questões pendentes e da falta de cartas

fededignas e de determinações astronomicas de quasi todas as fronteiras, a superficie do paiz só póde ser calculada approximadamente.

A carta geral de 1883 avalia-a em 8337218 kilometros quadrados.

A maior extensão de norte a sul, entre a barra do Chuhy e as cabeceiras do Cotingo, é de 4280 kilometros; de leste a oeste, entre a ponta de Pedra e as nascentes do Javary, é de 4353 kilometros.

O Brazil é quasi tão vasto como a Europa e mais de 14 vezes maior que a França.

Só a ilha de Marajó, na embocadura do Amazonas, é tão grande como a Suissa.

A. DE C.



## LITERATURA



## SONHO DE COLOMBO

*Recitada pela auctora, na Escola Normal, 11 a de outubro de 1909.*

## I

Reina o silencio no convéz... A noite  
De onze de outubro de noventa e dois  
Passou pezada e atroz como um açoite  
Para esplendor depois.

Tramam vingança os loucos marinheiros ;  
Gemem sombras na treva, devagar,  
E Neiga á frente, e a Pinta, os altaneiros  
Perfis repontam na amplidão do mar...

Quanta doçura pela noite calma !  
E Colombo, fitando o ceo sem côr,  
Sente brotar-lhe intenso, dentro dalna,  
Um secreto amargôr...

Eram quarenta dias já passados  
Como um sonho veloz...  
Bramiam marinheiros, revoltados  
Contra a insistencia atroz

Que os arrastavam a um cruel destino  
Pelo deserto e transparente mar,  
Inalteravel sempre e crystallino  
Como franjas de luar..

Colombo então, cansado da vigilia  
Curvou-se e adormeceu...  
E as tres galéras na ignorada trilha  
Esboçavam-se lividas no ceo !

## II

— « Abram-se as largas portas do Occidente !  
Marinheiros ! A súz !  
Quero vêr o meu sonho opalescente  
Na apothese da luz !

Desfraldemos o pavilhão da Gloria,  
P'ra de goso expirar,  
Sob o docél da lua merencorea  
Que nos aclara este infinito mar.

Santa Maria ! A frente ! Pinta e Neiga !  
Cortem de pressa este oceano azul !  
E a calma é doce... e a noite assim tão meiga  
Como nos aureos reinos de Stambúl...

Vejo-a ! Terra bemdicta que me espéra  
De olhos humanos virgem do calór...  
Atenção ! Vêde se erguer na primavera  
O novo mundo, a terra do esplendôr.»

E a America surgia. Rebentavam  
Verdes palmeiras, nos vergeis em flôr,  
Vagas macias canto marulhavam  
Sob os raios de um sol abrazadôr.

Pomos extranhos, arvores gigantes,  
Passaros raros, pérolas de Ophir  
Viam seus grandes olhos palpitantes  
Pela amplidão intérmina fulgir.

Isto Colom sonhara ; e no seu sonho  
Emquanto Pinta e Neiga ambas a par  
No encaço da outra náu, o mar risonho  
cortavam num sereno e brando arfar,

Doze de Outubro extranho amanhecia  
Nos oceanos azues,  
Mostrando o novo mundo que surgia  
Para espalhar mais luz!...

S. Paulo, 5 de outubro de 1909.

Isabel Vieira de Serpa.



## Tiradentes

Ia ser enforcado o grande Tiradentes.  
A Patria se fundia em lagrimas ardentes.

\* \*

Na cadeia sombria e triste como as furnas  
Onde ha uns presos de vis cataduras soturnas  
O Inverno — um assassino, a Treva — uma coveira,  
— Tiradentes dormira a noite derradeira.  
Logo cedo o carrasco, o negro Capitania  
O emissario da Morte, o arauto de uma insania,  
Surgiu, presto. Rangeu o amplo e ferreo portão.  
Vinha implorar ao réu, cabisbaixo, o perdão  
Da morte que ia dar involuntariamente.  
Meigo, o martyr volveu-lhe humilde e reverente,  
Insensível á dor e ao barbaro castigo:  
— «O', deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés, amigo!»

No silencio da sala os beijos sussurraram  
E no rosto do algoz as lagrimas rolaram.

A's nove horas, partiu o cortejo tremendo,  
Tetrico, em direcção ao patibulo horrendo.  
Atraz, vil, assombrando e repugnante e preta,  
Rolava tristemente a funebre carreta.  
Cortejo deslumbrante e horroroso ; terrivel  
E brilhante ; cruel e lindo : um bello horrivel !  
E no meio da escolta e da alva revestido,  
Sympathico, insinuante e corajoso e erguido,  
A cabelleira loura a rebrilhar na luz,  
Tiradentes seguia, olhos fitos na cruz.  
De quando em vez parava o cortejo. Rufava  
O tambor e, na esquina, um vigario prégava.

\* \*

A's onze horas chegou-se á Praça Lampadosa.  
Tiradentes com a face impavida, gloriosa,  
Subiu ao cadafalso entre esses homens maus.  
E que escada comprida : eram vinte degraus !  
Sem uma commoção, sem estremecimento,  
Lesto deu o pescoço ao verdugo incruento.  
Mas Frei Jesus Maria achando ainda pouca  
A pena que ao heróe dera Maria — a louca,  
Não deixou se abreviar a execução. E após,

Febrilmente lançou mais algoz que o algoz  
Sobre a Victima quêda um discurso iracundo.  
Reinou depois em tudo um silencio profundo.  
Só se ouvia o rezar manso de Tiradentes  
Como a briza que passa entre as frondes virentes,  
Num instante o silencio amortalhou de novo  
Tudo : jazia alli, petrificado, o povo.  
Uma vozinha doce erguen-se sem bulicio,  
Na praça, então : — «Recebe, ó Patria, o sacrificio!»  
A assistencia offégava, ardente. Era mister  
Morrer Joaquim José da Silva Xavier.

Sob a estupefacção do povo apavorado,  
De repente rodou, pelo algoz cavalgado,  
Da forca o Heróe, e voou... e no espaço apagou-se...

Mas alli em baixo, anciosa, abertos braços, doce,  
— Emquanto ia abafar os mil gritos de horror,  
Epilepticamente, o rufar do tambor —  
Uma Senhora estava, a esperal-o, com a gloria :

Tiradentes caiu sobre os braços da Historia!

JOSÉ ESCOBAR

## Anchieta

Rompe como um rosal rutilo o dia,  
Doura-se o arroio, estrella-se a restinga.  
E á luz do sol que a beija e acaricia  
Livre e feliz sorri Piratininga.  
Insectos de ouro como os reis da Persia  
Com os elyctros de pedras preciosas  
Fulgem fruindo a maciez da inercia  
No velludo vermelho de umas rosas.  
Lagos calmos azulam nas rechans  
E pela verde margem vêm-se em bando  
Como um collar de perolas louçans  
As lacteas garças a agua azul bordando.  
Cascatas coaxam sussurrantemente,  
Castanholum as palmas do biri.  
Uma ygara deslisa de repente  
Rasgando a espuma florea do Anhemby.  
O arco de Cayubi guarda guerreiro  
A estrada longa que no sul está;  
Vedando ao norte a estrada ao forasteiro  
Campeia a tribu de Tibiriçá.  
E a Igreja do Collegio assim guardada  
Uma paz felicissima desfructa ;  
Por isso o amor em tudo sobrenada  
E contra o mal sómente existe a lucta.

\*\*

Bimbalha o sino estriduloso e chama  
Os baptisados e catechumenos.  
E que ingenua alegria que os inflamma!  
Que singelas feições e olhos serenos!  
Na porta, a emmoldurar seu gesto franco,  
Sai da negra e tristissima roupeta  
— Como de um vaso negro um lirio branco —  
Toda a figura pallida de Anchieta.  
E merencoreamente se debruça  
Na tosca cerca onde ha lirios e rosas.  
Vê em toda a parte uma alma que soluça,

Sente que a briza tem vozes chorosas.  
 Si olha um tribu, a tribu pede crenças;  
 Pedem caricia as feras nas florestas,  
 E' o arco-iris das rudes desavenças  
 E aves e flores só lhe fazem festas.  
 E' medico, operario, diplomata,  
 Soldado, sacerdote, professor,  
 E é muita vez na catechese ingrata  
 Poeta cheio do mais ardente amor.  
 Quanta vezes os pincaros azuleos  
 Transpondo, quantas vezes indo alem,  
 Magoando os pés nos rigidos aculeos  
 Quasi sem fala, vai semeando o bem!  
 A's vezes acha um indio agonizante  
 Na estrada e quanto dó e quanto susto!  
 E para baptizal-o num instante  
 Molha o lenço no orvalho de um arbusto.

\* \* \*

Anchieta sai. Bate de novo o sino.  
 Ouve-se aos poucos uma cantarola.  
 Vai entrando menino por menino  
 Na sua santa e pequenina escola.  
 E como com bandeirante, lento e lento,  
 Tira daquellas trefegas crianças  
 O oiro de quanto rutilo talento!  
 Quanta doce esmeralda de esperanças!

José Escobar.



## A ESPADA

Ao canto de uma casa, eu vi a triste espada  
 Partida e sem valôr! -- Seria grande a lucta!  
 Pensei ao contemplal-a; e, vendo-a ensanguentada,  
 Lembrei d'outr' ora a força immensa e resoluta.

E a causa, que ella esconde, alegre ou dolorida,  
 Eu quiz então saber!

— Conta-me a tua historia,  
 Sanguinolenta espada, ó força já perdida!  
 De lucto estás coberta, ou lembras uma gloria?!

— Escuta; eu vou contar-te as minhas aventuras:  
 Servi na gran parada; alli eu só brilhava!  
 Ao mando do clarim, as pobres creaturas  
 Na férvida batalha então cruel matava!

— Levava no meu fio a coriscante morte,  
 A decisão do honor, ao campo do duello!  
 Partia, ao inimigo, a lança por mais forte;  
 Dobrava o aço fino ao rigido cutello!

— Mas ai! findou a gloria! E quem pensar havia,  
 O' dor immensa e crua, ó força criminosa!  
 Que out' ora tão possante, ainda me veria  
 Em face d'uma acção maldicta e odiosa!

— Um dia, o meu senhôr estreitou-me nos braços  
 E disse-me a tremer: — Vamos, é ordem minha!  
 Desejo ver cumpril-a! — E eu fiz-me em tres pedaços  
 Atravessando o seio a uma creancinha!...

— Fui sempre audaz, cruel! E não temia a lança,  
 O rigido cutello, a faca e o machado!...  
 Mas ai! verguei! tremi! ao ver uma creança  
 A quem varci, á força o coração dourado!

Cuba.

MATHEUS PERES.



## Abaixo a palmatoria!

(COMEDIA INFANTIL EM 1 ACTO)

*Clotilde* (SENTADA Á JANELLA) — Ora a minha vida! Si me tiro daqui, o demonio da velha é capaz de chamar o o bruto do gallego. O peor é que daqui a pouco vem brincar para o jardim os rapazes do collegio alli defronte. Si me vêem com orelhas de burro, fazem-me uma caçoada enorme...

*Julio* (NO JARDIM) — O' Clotilde!

*Clotilde* (ASSUSTADA) — Jesus!

*Julio* — Esse chapéo é da ultima moda?

*Clotilde* — Ah! és tu, Julio!

*Julio* — Tira isso da cabeça.

*Clotilde* — E o Alonso?

*Julio* — Quem é o Alonso?

*Clotilde* — E' o gallego.

*Julio* — Mas quem é o gallego?

*Clotilde* — E' o Alonso.

*Julio* — Estás tola.

*Clotilde* — Estou mas é presa.

*Julio* — Presa?

*Clotilde* — Sim; o demonio da mestra metteu-me aqui e fechou a porta á chave.

*Julio* — Espera ahi, que eu vou fazer-te companhia.

*Clotilde* — Tem cuidado, mano! Olha si quebra o ramo da arvore!

*Julio* (SALTANDO PELA JANELLA) — Para alguma coisa ha de servir a gymnastica.

*Clotilde* — Como estou alegre por te vêr ao pé de mim!

*Julio* — Tambem eu, manasinha; mas tira lá esse enfite, que me faz mal aos nervos. (ARRANCA-LHE AS ORELHAS DE BURRO).

*Clotilde* — E si vier a mestra?

*Julio* — Si vier, enfio-lh'o na cabeça, que lhe deve ficar até muito bem.

*Clotilde* (RINDO) — Isso é que tinha graça!

*Julio* — Mas porque estás de castigo?

*Clotilde* — Ora! porque fiz cahir a velhota, dando-lhe um encontrão sem querer. De mais a mais, tu tambem cahi.

*Julio* — Ah! cahiram ambas? Então deviam estar ambas presas. A lei é igual para todos, como diz o papá.

*Clotilde* — Que saudades que eu tenho delle e da mamã! São tão nossos amigos!

*Julio* — Tomára já cá as ferias! Então é que ha de ser uma pandega!

*Clotilde* — Tambem te aborreces no teu collegio?

*Julio* — Não é por me aborrecer; mas é que sabe bem passar uns dias na companhia de nossos paes. Lá no collegio não ha orelhas de burro; ha bons conselhos dos professores, muita paciencia para nos explicarem o que não sabemos; ha premios para os que mais estudam, distincções a quem as merece.

*Clotilde* — E palmatoria?

*Julio* — Palmatoria! Isso só se encontra hoje no museu do Carmo.

*Clotilde* — E tambem cá no collegio.

*Julio* — Esta casa cheira a simonete! Palmatoria, orelhas de burro... Mas como demonio não de vocês aprender alguma coisa?!

*Clotilde* — Olha, Julio, parece-me que tens razão: quanto mais me ha tem, quanto mais me atormentam, menos vontade tenho de aprender. Estudo sempre as lições a médo; decoro-as como um papagaio, sem perceber uma palavra. Ao menor erro:

«dê cá a mão, menina» e zaz! (DÁ UMA PALMADA NA MÃO) Ou: «ponha-se de joelhos!» A minha vontade!

*Julio* — Tenho dó de ti, Clotilde. No meu collegio consegue-se tudo pelo estímulo. O bater é só para os cães. Olha: eu agora sou o capitão da minha classe. Mas isto não se alcança pelos nossos bellos olhos: é necessario estudar muito; ter sempre boas notas durante um mez, e no fim entrar num certamen com os alumnos melhor classificados. Do Mesquita é que eu tenho medo, que é um bello estudante; mas venci-o! Ficou damnado, o pobre rapaz, por passar a tenente. Diz que me ha de vencer para o mez que vem. Veremos!...

*Clotilde* — Coragem, capitão!

*Julio* — Coragem, sim! Olha que ser capitão é alguma coisa. Tem muitas honras e regalias. A' mesa perence-lhe o logar principal; quando algum rapaz commette uma falta leve basta elle interceder para ser perdoado, e por isso todos o estimam; os professores tratam-n-o com deferencia; em summa, não ha distincção que lhe não façam.

*Clotilde* — Ai! quem me dera ser capitão! Mas isto aqui é outra coisa: pancada e mais pancada. E é justamente o que me espera hoje.

*Julio* — Porque?

*Clotilde* — Porque a mestra me disse que eu não sahiria daqui enquanto não soubesse as lições; ora eu não estudei ainda nem uma linha, e quem pode estudar com orelhas de burro? De modo que si ella apparece, e de certo não tarda ahi, e vê que eu nada sei — apanho a minha conta.

*Julio* — Não apanhas!

*Clotilde* (SORRINDO) — Porque, capitão?

*Julio* — Porque me stá lembrando fazer uma partida á figurona da tua mestra.

*Clotilde* — Que é?

*Julio* — Nós somos muito parecidos, o que não admira; demais a mais, a velhota é alguma coisa pitosca...

*Clotilde* — E então?

*Julio* — Então, tu me emprestas o teu fato, e eu dou as lições em teu

logar. Olha que não sou capitão por favôr.

*Clotilde* (RINDO) — Ah! ah! ah! isso é que tinha muita graça! E desse modo livro-me de estar aqui presa, e posso ir brincar com as minhas companheiras.

*Julio* — Pois então salta o vestido!

*Clotilde* (RECEIOSA) — Mas si a d. Engracia dá com a marosca?

*Julio* — Qual dá! Vamos, mãos á obra. Despe lá o vestido.

*Clotilde* — Não; este não.

*Julio* — Então como ha de ser?

*Clotilde* — Vou-te buscar outro alliao meu quarto.

*Julio* — Como quizeres. (CLOTILDE ENTRA NA PORTA DA D.) Esta scena não ha de ser má. Eu então que nunca tive geito para rapariga!

*Clotilde* (VOLTANDO) — Aqui tens. (DÁ-LHE UM VESTIDO).

*Julio* (ENFIANDO UMA DAS MANGAS) — Como demonio se veste esta coisa!

*Clotilde* — Espera, rapaz. Despe ao menos a jaleca.

*Julio* — Vá lá.

*Clotilde* (AJUDANDO-O A VESTIR O VESTIDO) — Si os teus collegas te vissem...

*Julio* — Que troça me faziam!

*Clotilde* — O sr. capitão vestido de mulher!

*Julio* — Não me diga isso outra vez! Olha que já não quero...

*Clotilde* — Prompto. Estás mesmo uma menina.

*Julio* (DANDO-SE ARES DE MENINA) — O' sra. d. Engracia, já acabei o meu *croché*. — O' menina Maria, empresta-me uma agulha, que eu parti a minha?

*Clotilde* (RINDO) — Ai que demonio de rapaz!

*Julio* — Agora chama d. Engracia, e esconde-te.

*Clotilde* — Ainda te falta uma coisa.

*Julio* — O quê?

*Clotilde* — As orelhas de burro.

*Julio* — Isso é que eu acho forte de mais!

*Clotilde* — Tem paciencia, Julio. (PÕE-LHE AS ORELHAS DE BURRO).

*Julio* — Este capacete não pertence ao uniforme de capitão, mas emfim... Chama lá a velha.

*Clotilde* (GRITANDO) — Senhora d. Engracia! Senhora d. Engracia, faz favor de vir cá! Já sei as licções. (A *JULIO*) Toma lá este livro.

*Julio* — Que ratice! Um burro a lêr!

*Clotilde* (GRITANDO) — Senhora d. Engracia!

*Julio* — Sinto passos. Esconde-te. (CLOTILDE ESCONDE-SE ATRAZ DO PANO DA MESA).

**Mattos Moreira.**

(Continúa)



## DIVERSOS

## A chimica do solo

Pretendem hoje os mestres na sciencia agronomica estabelecer normas mais accentuadas e modernas, acerca dos elementos constitutivos do solo aravel, firmando bases progressistas, que aproveitem as importantes theorias iniciadas ao alvorecer do seculo XIX, com Mathieu de Dombasle se que triumphantes foram na organisação do corpo de doutrina daquella sciencia — modificando-as, entretanto, ao criterio das conquistas inevitaveis da chimica e da biologia.

De anno para anno se vão aparelhando novas descobertas, notaveis e arrojadas. Pertencem aos ultimos decennios as ideias proclamadas por Pasteur sobre a oxydación do azoto e do ammoniaco em nitritos e nitratos, realizada pela acção vital dos micro-organismos, em grande quantidade distribuidos pelo solo. E, si bem que a auctoridade de um Hoppe viesse, com o auxilio de Fleck, combater a nascente theoría, assegurando que aquella transformação se operava exclusivamente pelas reacções chemicas, victoriou a theoría do sabio francez, mais tarde galhardamente confirmada por Schloesing e por Muntz, que formularam as leis actualmente aceites sobre o fermento nitrico.

Assim tambem soffreram os revezes da contradicta as eruditas conclusões de Wilfart e Hellriegel, sobre a fixação directa do azoto pelas leguminosas e que formam, no presente, capitulos especiaes já consagrados e descriptos nos melhores tracadistas de chimica agricola. Apezar disto, entretanto, até Louis Grandeau combater a theoría, julgada, a principio, não um arrojado de scientistas, mas o producto da ignorancia dos seus auctores, Deherain, na França, Lawes e Gilbert, na Inglaterra,

empenharam-se no estudo do assumpto e ninguem, mais tarde, ousara contestar a verdade enunciada por aquelles sabios allemães, que continuavam a afirmar a existencia de nodosidades na extremidade das raizes das plantas dessa familia, e a presença de bacterios, que serviam de intermediarios da alludida fixação.

Por isso, não nos devemos admirar que a palavra do sr. Blondeau, sob a responsabilidade dos laboratorios, nos venha afirmar que « durante muito tempo se julgou e ainda hoje se julga que o humus é indispensavel á fertilidade das terras, o que é uma chimera! » Pensa ainda elle que os que crêm na necessidade do humus e suppõe tê-la verificado, se vão apoiando sobre uma simples apparencia de realidade: confundem-n-o com restos de estrume organico ou terriço não exgottado e cuja acção deve ser evidentissima. Que não é isso o humus, na forma verdadeiramente scientifica, porquanto é elle um residuo de materia organica, carbonisada lentamente ao contacto do oxygenio. Toda a materia organizada é destruida pela combustão lenta ou violenta. E' o oxygenio do ar, que combinando com o hydrogenio, com o azoto e com o carbono, enfluncia no organismo cuja vida desapareceu, dando os elementos, então presos, a sua liberdade ampla. Compara Blodenau a decomposição dos detricos vegetaes em humus com a decomposição do assucar em caramello. Uma certa quantidade de hydrogenio e oxygenio tem sido expellida pelo calor, e o carbono, privado desses elementos, toma uma côr escura. Si a operação vae mais longe, o carbono se espolia a mais e mais e fica só no esta-

do de carbono puro e insolúvel. Assim é que, da turfa, que ainda contém matéria orgânica, ao graphite, que é inteiramente mineralizado, só ha uma questão de perda de oxygenio e de hydrogenio.

A origem do humus é a da propria cellulose dos vegetaes, na qual uma especie de combustão espontanea faz perder certa quantidade daquelles dois corpos. Dahi as fórmulas estabelecidas para provar, ou melhor, para pôr em relevo o modo de geração do humus:

Cellulose . . . . . C 24 H 20 O 20;  
Humus . . . . . C 24 H 9 O 9.

A solubilidade de uma parte do humus tem de ser feita em duas mil e quinhentas dagua, sendo franca numa dissolução de potassa e cal. Apesar de reconhecer o escriptor de quem vamos resumido estas opiniões sobre o humus, que elle tem qualidades indirectas e que, queimando, ao contacto do oxygenio do ar, desprende acido carbonico, o que fornece a dissolução dos calcareos; que retem a humidade; e que cem partes delle conservam 190 de agua, garantindo assim a frescura da terra, durante a secca, podendo servir de correctivo, conclue elle assim as suas observações:

« O humus por si só é pouco mais ou menos inerte como a areia calcinada e como o carvão pulverizado, apesar de ter servido de explicação a tudo o que se não comprehendia em relação á fertilidade. Elle não possui elemento fertilizante, desde que admittimos que os ele-

mentos fertilizantes são os que podem passar directamente aos vegetaes, para concorrer á sua formação »

Do exposto se póde concluir que o auctor tende a voltar á theoria das reacções chímicas e que difficilmente conseguirá vantagens para o seu enunciado scientifico.

E por isso, um dos mais recentes livros que ora folheamos, *Le sol et les labours* do professor Paul Diffloth, prefaciado pelo eminente dr. Paul Regnard, director do instituto nacional agronomico de Paris, lemos que o humus fornece aos vegetaes elementos fertilizantes e facilita o ataque dos principios fixos; o ammoniaco é absorvido pelo humus que é, *essencialmente, um producto de acção microbiana*. Os bactericos que desenvolvem ao abrigo do ar (anacrobios) atacam os tecidos dos vegetaes, especialmente os hydratos de carbono, produzindo acido carbono, hydrogenio, etc., os bacterios que vivem ao ar livre (aerobios), queimam completamente a materia organica, produzindo ainda o acido carbonico.

E, no proprio auctor de quem transcrevemos as ultimas linhas, encontramos estas significativas palavras, que muito ficam a desejar, mas que explanam, vantajosamente o ponto em que ainda se encontra, nestes dias, a momentosa questão:

— A composição chimica do humus, está ainda mal definida . . .

ENÉAS PINHEIRO.

Da *Tribuna de Petropolis*).



# MOVIMENTO ASSOCIATIVO



## INFORMAÇÕES

A séde da Associação Beneficente do Professôrado Publico do Estado é á rua Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6, ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a séde.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua 13 de Maio, n. 64; o thezoureiro, sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, n. 112; o 1.º secretario, sr. Demosthenes Marques, á rua Bonita, n. 8; o procuradôr, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 120.

O thezoureiro é diariamente encontrado na séde social, das 7 ás 9 horas da noite.

O quadro das mordômas para o corrente anno, é o seguinte:

Fevereiro — d. Guiomar Silva, residente á avenida Celso Garcia, 315;

Março — d. Genoveva de Almeida Motta, residente á rua das Flôres, 18;

Abril — d. Guiomar Garcia Rossi, residente á rua da Tabatinguera, 39;

Maio — d. Maria E. Ceslau de Moura, residente á rua Monsenhôr Andrade, 18;

Junho — d. Isabel de Serpa e Souza, residente á rua Tres Rios, n. 8;

Julho — d. Brasilia Hidro da Silva, residente á rua da Tabatinguera, 5;

Agosto — d. Ignez Augusta da Conceição, residente á rua Rodrigo Silva, 17;

Setembro — d. Lucinda Maria Braga, residente á rua Rodrigo Silva, 17;

Outubro — d. Maria do Carmo Pinto da Silva, residente á rua Conselheiro Furtado, 48;

Novembro — d. Alice S. Avila de Macedo, residente á rua Carlos Gomes, 42;

Dezembro — d. Delphina Lemos, residente á rua Xavier Toledo, 62;  
Janeiro de 1911 — d. Catharina Ceslau de Moura, residente á rua Tabatinguera, 34.

A Directoria, eleita a 11 de janeiro, empossada a 17 do mesmo mez, e que tem de servir durante o corrente anno, é a seguinte:

Fernando Martins Bonilha Junior — presidente;

Alfredo Bresser da Silveira — vice-presidente;

Izidro Denser — thezoureiro;

Demosthenes Marques — primeiro secretario;

Sebastião Lang — segundo secretario;

José F. Marcondes Domingues — primeiro directôr;

Salustiano Leite de Oliveira — segundo director;

Antonio Pereira Baptista, Alfredo Machado Pedrosa e Frontino Ferreira Guimarães, membros do Conselho fiscal.

No principio do corrente anno, foram pagos as seguintes auxilios:

Pensões a viúvas e orphams 1:200\$000;  
Auxilios definitivos . . . 3:094\$000;  
Auxilios condicionaes . . . 7:420\$000.

A *Revista de Ensino*, é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editôr responsavel é o presidente da Associação

O redactôr secretario deste organo é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação, á caixa postal 183.

Os preços da assignatura da *Revista* são os seguintes:

Anno . . . . . 5\$000,  
Num. avulso . . . 1\$500.

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem obter a *Revista* com abatimento de 50 % sobre os preços de assignatura.

A directoria, de acôrdo com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados sempre que mudem de residencia, o communicquem ao secretario.

### Postos medicos.

1) — *Dr. Carlos Meyer* — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 64, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe o fazer gratuitamente analyses em escarros, catharros e outras substancias, para elucidações de diagnosticos clinicos.

2) — *Dr. Roberto Gomes Caldas* — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer.

Consultorio — rua de S. Bento, n. 38;

Residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

3) — *Dr. Lycurgo Pereira* — Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições :

#### Visitas, 5\$000 ;

Consultas aos associados, gratis.

Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

4) — *Dr. N. Soares Couto* — Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições :

Visitas nos domicilios 5\$000,  
Consultas 3\$000.

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 28.

### Dentistas.

1) — *Jayme Teixeira* — Cirurgião dentista. Presta seus seus serviços profissionaes aos associados e ás suas familias por preços modicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2) — *Mario Las Casas* — Presta seus serviços profissionaes por preços modicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12.

3) — *Julio E. de Santanna* — Cirurgião detista, trabalha em prestações para os professôres e faz o abatimento de 20 % . Rua da Consolação, n. 50.

*Observação* — Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

### Pharmacia.

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20 % :

1) — *Pharmacia de Sancta Thereza*, de Ignacio Puiggari, á rua Sancta Thereza, n. 9.

2) — *Pharmacia e drogaria*, de João dos Sanctos e Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3) — *Pharmacia Assis*, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro n. 9.

### Demosthenes Marques

#### 1. Secretario



## ANNUNCIOS

## Ao Fornecedôr DAS ESCOLAS PUBLICAS

Carabiça escolar de fabricação propria, distinctivos e  
medalhas para premios

Rua José Bonifacio, 29—Telephonia, 1658  
S. PAULO



Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Jnica casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os grupos escolares, lyceus e collegios particulares

SECCÃO DE EXERCICIOS MILITARES  
Armamentos, Espadas, Tambôres, Cornetas, Divisas.  
Especialidade em Estandartes bordados, Bandeiras e Cortinas.

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

CASA DE CONFIANÇA — Importação directa

**A. BOGGIANI**

Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1893

Do Fornecedor  
DAS ESCOLAS PUBLICAS

Garantia escolar de fabricação própria, distintivos e  
medalhas para prêmios  
Rua José Bonifácio, 29 - Telephonio, 1628  
S. PAULO



Vende-se collecções encadernadas

DA

# REVISTA DE ENSINO

na Rua Sancta Thereza, 28

Fornecedores de escolas e fabricas de  
bonês. Como que  
fornec  
para os  
grupos escolares, lycens e collegios  
particulares  
SECCAO DE EXERCICIOS MILITARES  
Armarmentos, Espadas, Tambors, Cordeas, Divisas,  
Especialidade em Bandejas, Bandejas,  
Cordeas.



Fornecedores de escolas e fabricas de bonês. Como que fornec para os grupos escolares, lycens e collegios particulares SECCAO DE EXERCICIOS MILITARES Armarmentos, Espadas, Tambors, Cordeas, Divisas, Especialidade em Bandejas, Bandejas, Cordeas.

CASA DE CONFIANÇA - Importação directa

A. BOGGIANI

Fornecedor das Escolas Publicas desde o anno de 1893

## NOTICIARIO

## PUBLICAÇÕES

Confessando-se sempre reconhecida a *Revista de Ensino* espera ainda a honra da permuta com os seguintes organogramas dos Estados e do estrangeiro:

- de Portugal—*Educação Nacional*, do Porto;
- de França—*Le Paysan de France*, da Capital;
- do Mexico—*La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense*, de Chihuahua;
- de Guatemala — *El Guatemateco*, diário official da Republica; *Diario de Centro-America*, da Capital;
- do Equador—*Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayaquil;
- da Republica Argentina—*El Magisterio*, *El Monitor de la Educacion Común*, *La Higiene Escolar*, *Revista de la Educacion Física*, de Buenos Aires; *La Escuela Practica e Revista de Educacion*, *Revista de Instrucción Primaria*, *Ars*, publicação official do circulo «Ars» de la Plata;
- do Uruguay — *Anales de Instrucción Primaria*, da Capital;
- do Acre—*O Cruzeiro do Sul*, do Alto Juruá; *O Acreano*, de Xapury;
- do Pará—*A Alvorada*, de Ourém;
- do Maranhão — *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, *Phenix*, *Revista Typographica*, *Avante!*, de S. Luiz; *A Comarca e O Commercio*, de Codó; *O Anapuruá*, de Brejo e *Jornal de Commercio*, de Caxias;
- do Piauíhy—*O Commercio*, *A Luz*, da Capital;
- do Ceará —*Revista «Fortaleza»*, *Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarilhica*, de Fortaleza; *Oitenta e Nove*, *O Paladino*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;
- do Rio Grande do Norte— *A Voz do Potyguar*, de Curros Novos;
- da Parahyba—*O Estado de Parahyba*, da Capital;
- de Pernambuco — *O Missionario*, de Recife;
- de Alagôas—*O Popular*, *A Illustração*, de Maceió; *Vinte de Julho*, de Pilar;

da Bahia — *Ad Lucem*; *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Capital; *A Luz* de Sancto Amaro;- do Espirito Sancto—*Diario da Manhã*, *Estado do Espirito Sancto*, *O Commercio do Espirito Sancto*, de Victoria;
- do Rio de Janeiro—*Tribuna de Petropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto; *O Vagalume*, de Niteroy; *O Brazil*, de Friburgo; *O Sorriso*, de Macahé;
- do Districto Federal — *O Magneto*, *Revista Militar*, *O Universo*, *Revista de Medicina*, *Revista Catholica Illustrada*;
- do Paraná—*A Escola*; do Gremio do Professôrado Publico, de Curitiba;
- de Sancta Catharina—*O Escolar*, *Gazeta e Commercio*, de Joinville; *O Estímulo*, de S. Francisco do Sul; *O Phárol*, de Itajahy;
- do Rio Grande do Sul — *O Taquaryense*, de Taquary;
- de Matto Grosso—*O Brazil*, de Cumbá; *A Voz do Povo*, de Cuyabá;
- de Minas Geraes—*O Monitor Sul Mineiro*, de Campanha; *O Passageiro*, de Tres Corações do R. Verde; *O Resistente*, de S. João de El-Rey; *Gazeta*, de Ubá; *Gazeta*, de Ouro Fino; *O Commercio*, de S. João Nepomuceno; *O Araguary*, de Araguary; *A Voz do Povo*, de Poços; *O Juvenil*, de Bom Successo; *O Guarará*, de Espirito Sancto do Guarará; *Correio Catholico*, de Uberaba; *Mercantil*, de Palmyra; *O Povo*, de Bicas; *A Propaganda*, de Itapecerica;
- de S. Paulo—*Boletim*, da Repartição Demographo-sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, *Concordia*, *A Revista*, *Nova Revelação*, *O Argus*, *Boletim da Devoção* de S. José, da Capital; *O Mundo Occulto*, *A Cidade*, de Campinas; *A Folha e O Jundiáhyense*, de Jundiáhy; *Correio do Norte*, de Guaratinguetá; *Cidade*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio*, de Botucatú; *A Folha e Mensageiro*, de Aparecida; *Republica e A Cidade*, de Itú; *Quiuze de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta*, de Jacarehy; *A Gazeta do Pinhal*

A Republica e O Pinhaense, do Es-  
 piritu Sancto do Pinhal; A Cidade de  
 S. João, e A Jardineira, de S. João da  
 Boa Vista; A Cidade e o Correio Palmei-  
 rense; O Tempo e a Cidade de Faxina;  
 O Municipio, de Lorena; O Municipio,  
 de Pirassunuga; A Cidade, de Dous  
 Corregos; O Municipio, A Imprensa, O  
 Movimento, de S. Manoel do Paraizo;  
 O Capivary, A Gazeta, de Capivary;  
 O Cartel de Batataes; O Correio Bro-  
 tense; O Cravinhos; O Tielé, Correio do  
 Sertão, de Avaré; Imparcial de Bebe-  
 douro; Mineirense, S. João da Bocaina;  
 O Porvir de S. José do Rio Preto;  
 Correio do Interior de Ribeirãozinho;  
 A Vera Cruz, do Gremio Literario Re-  
 creativo de Casa Branca; O Proletario  
 e o Rio Pardo, de S. José do Rio

Pardo; Escolar, A Folha, O Arauto,  
 de Porto Ferreira; O Diario de Santos;  
 Tribuna do Povo, de Itapetininga; O  
 Guarapiranga, de Sancto Amaro; Ten-  
 tamen, de Jahú; A Comarca, de Mogy-  
 mirim; O Cachoeirense, de Piracicaba e  
 Il Messaggero, do Amparo.

Apezar, comtudo, de não haver fre-  
 quencia nas visitas de um ou de outro  
 collega; apezar de nos faltar a visita  
 de um ou de outro dos confrades men-  
 cionados, dos quaes não temos noti-  
 cias, o que muito nos entristece—ain-  
 da lhes enviaremos a Revista até ao  
 fim do anno, confesando-nos gratos  
 pela cortezia da visita.

# Summario

## Redacção

Aos nossos amigos . . . . . pag. 5

## Questões Geraes

- Nacionalisação da escola, do SR. M. BOMFIM . . . . . » 9
- Instrucção Publica, do SR. PROF. LUIZ CARDOZO . . . . . » 12
- A Leitura Analytica, do SR. PROF. DR. JOÃO KÖPKE . . . . . » 13
- Psychologia, do SR. PROF. ARTHUR BREVES . . . . . » 16
- Ideias Geraes sobre sciencias positivas, de J. CARDOZO J.<sup>or</sup> . . . . . » 19

## Pedagogia Pratica

- Cartographia, do SR. PROF. LUIZ CARDOZO . . . . . » 23
- Paginas Civicas, do SR. PROF. DR. JOÃO KÖPKE . . . . . » 23
- O Brazil, do SR. A. DE C. . . . . » 29

## Literatura

- Sonho de Colombo, da SRA. ISABEL VIEIRA DE SERPA . . . . . » 33
- Tiradentes, do SR. PROF. JOSÉ ESCOBAR . . . . . » 35
- Anchieta, do SR. PROF. JOSÉ ESCOBAR . . . . . » 37
- A espada, do SR. MATHEUS PERES . . . . . » 39
- Abaixo a Palmatoria, do SR. MATTOS MOREIRA . . . . . » 40

## Diversos

- A chimica do solo, do SR. ENÉAS PINHEIRO . . . . . » 45

## Movimento Associativo

- Informações . . . . . » 49

## Noticiario

## Annuncios

## Summario

